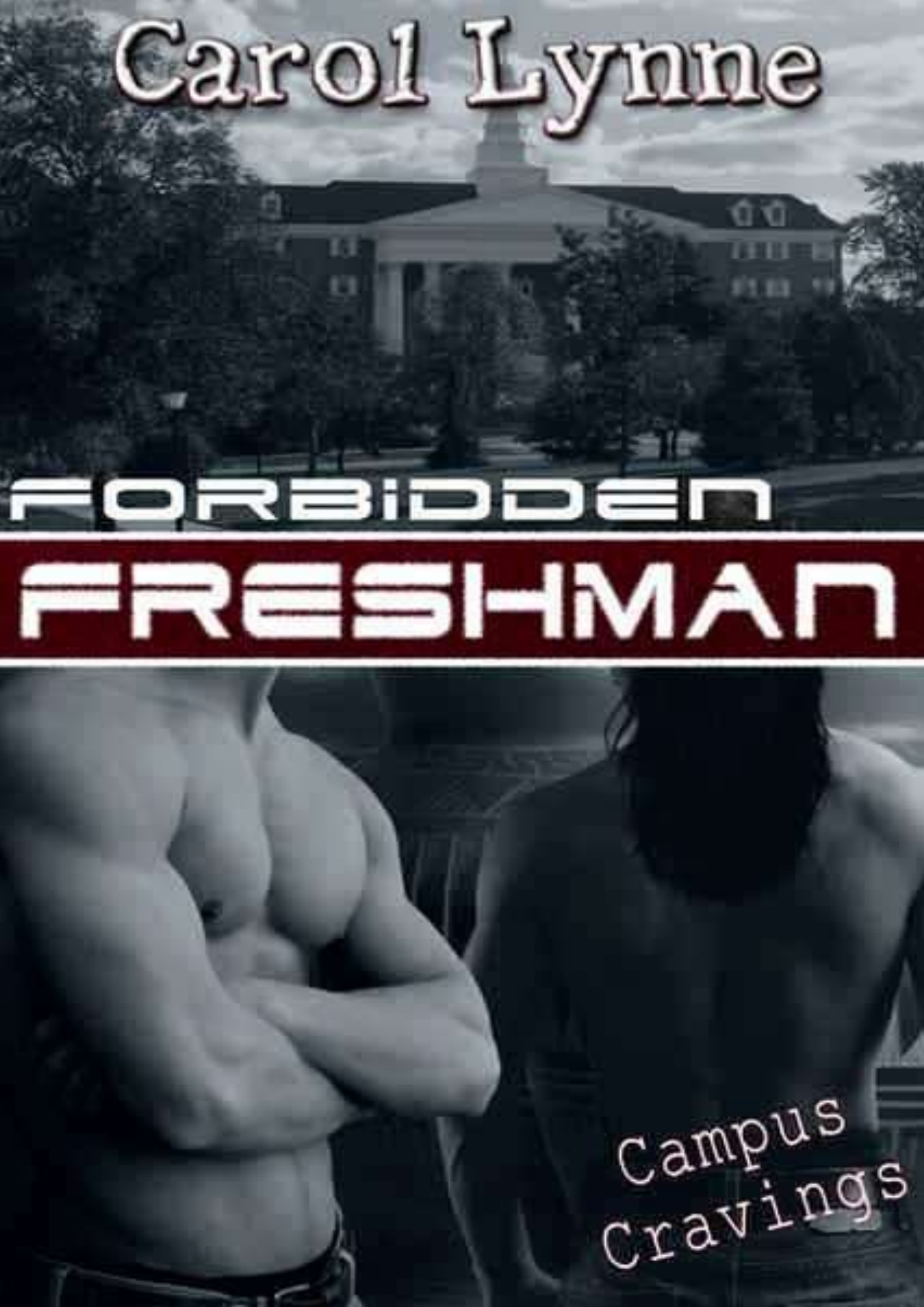
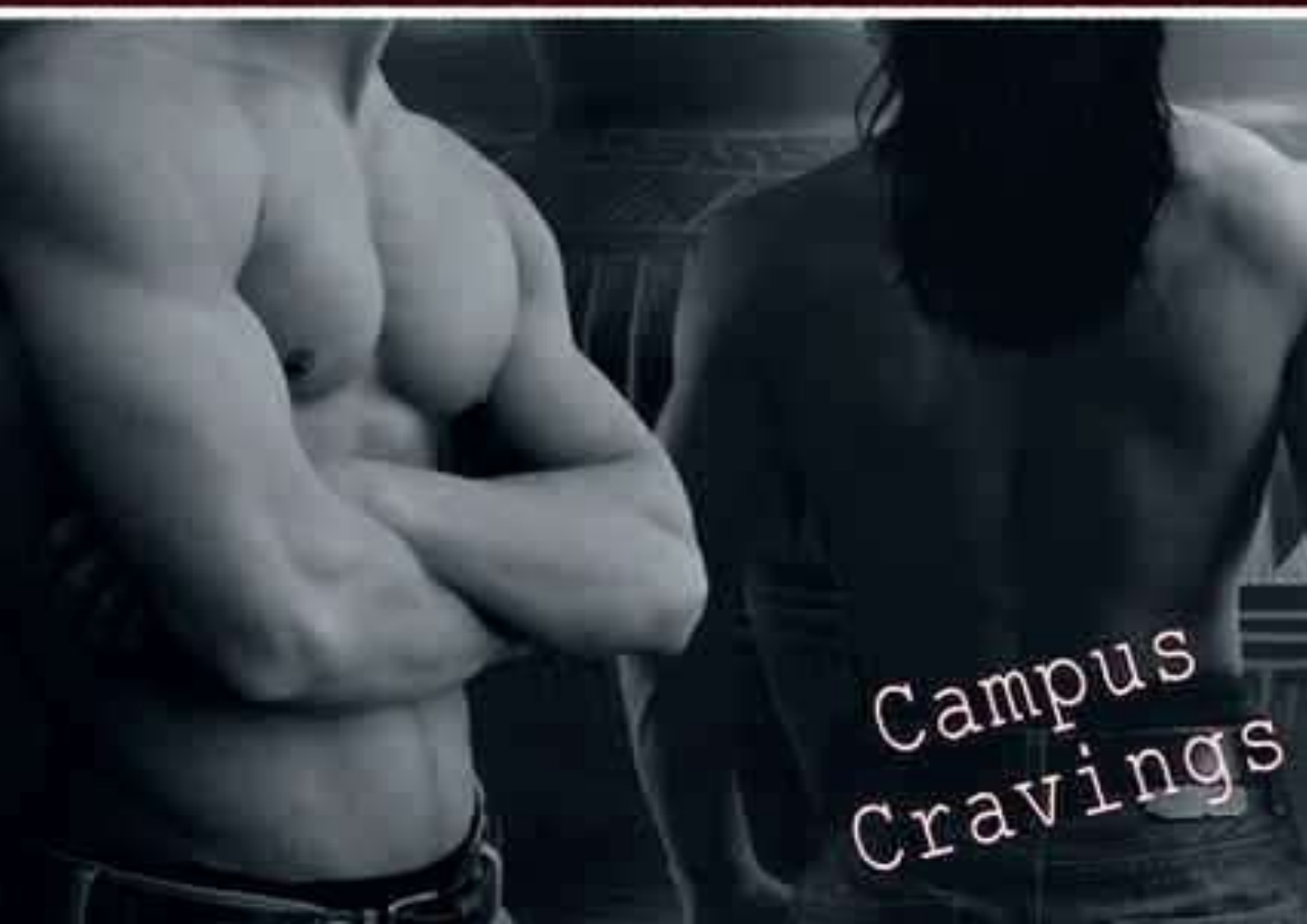




Carol Lynne

**FORBIDDEN
FRESHMAN**



Campus
Cravings



Calouro Proibido

Disponibilização e tradução: Ana Paula Batista
Revisão: Rachael Moraes

RESUMO

O que fazer se enxergas um homem tão bonito que te deixa sem respiração? O que fazer se esse homem é dezessete anos mais jovem que você? O que fazer quando esse homem é o filho de seu melhor amigo?

Se for o Doutor Joe Pressman, luta como no inferno antes de sucumbir a um sentimento tão forte.

Rocco é um novato, é mais um artista que um atleta que não está bem com seu pai, o treinador Collin Williams. Quando seu pai insiste que ele estude, o coloca diretamente nos braços de quem lhe dará uma cálida boas-vindas, sem saber que o mandou diretamente aos abertos braços do Joe.

Quando eles pensavam que suas vidas não poderiam complicar-se mais, uma situação de violência dentro do campus os põe no centro da atenção. Esta situação consolidará sua relação ou simplesmente os separará.

CAPÍTULO UM

Lançando de qualquer jeito o periódico de sábado no chão, Joe alcançou o telefone que soava.

—Sim?

—Ouça, Tem um minuto? — perguntou Collin.

—É meu melhor amigo. Claro que tenho um minuto. Por certo, grande partida.

—Obrigado. Koby realmente uniu à equipe.

—Sim, realmente o fez. Então o que passa? — Joe estendeu-se no sofá e olhou o buraco em seu dedo da meia. Demônios, a sério precisava lavar um pouco de roupa.

—Retornei a casa depois do jogo, e encontrei Rocco sentado nos degraus da entrada com uma mala na mão. Pelo pouco que disse deduzi que queria ficar comigo.

—Por quê? O que aconteceu em sua casa para fazer que se fosse sem lhe dizer isso primeiro?

Collin sempre tinha sido um pai a larga distância, só via ao Rocco uma ou duas semanas ao ano. Joe não pensava que fosse Rocco quem mantinha afastado ao Joe, a não ser sua mãe Janie. Pelo pouco que tinha escutado, Janie tinha ido ao tribunal muitas vezes nestes anos para aumentar o pagamento que Collin fazia por manutenção.

—Só isso. Não falará comigo a respeito disto. Tudo o que perguntou foi se podia ficar por um tempo. Sei que é seu dia livre, mas me estava perguntando se poderia levá-lo a um café da manhã tardio e obter que te fale.

A imagem do Rocco Williams sentado frente a ele fez que o pênis do Joe se enchesse imediatamente. Pare, pensou e subiu a mão para dar a seu pênis um bom golpe.

—Sabe que se o levar para tomar o café da manhã e me conta isso, não posso te dizer nada a respeito disso.

—Por que demônios não? Eu sou seu pai.

—Se falar com ele na qualidade de profissional tecnicamente se tornará meu paciente. Não rompere a confiança de um paciente, nem sequer por ti — escutou ao Collin grunhir por debaixo de sua respiração. Joe pôde imaginar ele caminhado para frente e para trás, algo que o outro homem sempre fazia quando estava preocupado.

—Só quero estar seguro de que está bem. Pelo menos poderia me dizer isso depois de que fale com ele?

—Isso acredito. Embora tenha que lhe dizer ao Rocco que te direi como está.

—Como seja só vêm quando puder. Esteve sentado na borda da cama do quarto de hóspedes desde que chegou.

Joe olhou seus gastos jeans e seu velho moletom NCIU Bighorn. Um traje não exatamente profissional, mas talvez ajudasse que Rocco se abrisse se usava roupas casuais.

—Estarei aí, em quinze minutos.

—Obrigado amigo.

—Não o mencione — pendurou e foi ao banheiro para se pentear e escovar os dentes. Passar a escova através de seu cabelo castanho curto tomou só um segundo, mas se perdeu olhando-se no espelho. Não era presunção que olhasse sua imagem, entretanto estava enojado.

—Você tem trinta e cinco malditos anos, pervertido, deixa de pensar em um menino de dezoito anos.

A lembrança de seu primeiro encontro com o Rocco nublou sua visão. Joe tinha aceitado ir com o Collin no verão anterior ao cassino onde a mãe do Rocco trabalhava. Collin sempre ficava no hotel, no quarto do lado, quando ia ver seu filho. Joe recordava estar sentado com o Collin no salão quando cravou seu olhar no Rocco. Havia visto muitas fotografa dele, mas nada o tinha preparado para conhecê-lo em pessoa. Todo o ar no salão parecia ter desvanecido enquanto olhava dentro dos mais formosos olhos que jamais tinha visto, emoldurados pelas mais largas pestanas no

mundo. Collin se levantou para abraçar a seu filho antes de voltar para Rocco para ele.

—Rocco, este é meu bom amigo, o Dr. Joe Pressman.

Vacilante, Rocco estendeu sua esbelta e bronzeada mão.

—Muito prazer, Dr. Pressman.

Joe tomo a mão de Rocco e o olhou nos olhos, imediatamente mudança de uma cor café claro a um tom verde. Uma sacudida de loucura próxima à luxúria cruzou diretamente ao pênis do Joe, e teve que tragar saliva antes de poder falar.

—Por favor, me chame Joe.

Sacudindo a cabeça, Joe olhou seu reflexo no espelho. Soube que esse foi o dia em que sua libido se voltou inativa para qualquer homem que não fosse Rocco. Envergonhado de si mesmo, Joe apartou o olhar do espelho e caminhou de volta à sala.

Tomando as chaves de uma mesa pequena ao lado da porta, fechou e subiu a seu Pontiac Crossfire negro. Sabia que ser dono de um conversível não era prático nessa parte do país, pois era raro o dia que ele podia conduzir com o vento contra seu cabelo, mas valia à pena. Collin vivia a só três milhas, assim Joe não teve tempo de preparar-se como queria. Só tinha que descobrir a maneira de ajudar ao Rocco, sem lhe dar oportunidade a sua atração pelo menino de dezoito anos.

—Sim claro — sorriu — A menos que te corte os testículos sempre o desejasse.

Depois de estacionar seu carro, Joe caminhou para a entrada da casa. Antes que tivesse a oportunidade de tocar, Collin abriu a porta.

—Ouça, alegre-me que possa fazer isto por mim — disse Collin, deixando-o entrar.

—Não há problema, estava sozinho, relaxando — olhou ao redor da sala — Segue no quarto?

—Sim, coloquei a cabeça e lhe disse que viria para levá-lo a comer, obtive um leve sorriso e um assentimento — disse Collin movendo os olhos — Chamei Janie e lhe deixe uma mensagem na secretária eletrônica, dizendo que ele estava aqui e a salvo.

Com uma palmada no ombro do Collin, assentiu e foi procurar o Rocco. Deteve-se no quarto de hóspedes e bateu na porta.

—Rocco? Posso entrar?

—Sim — respondeu Rocco detrás da porta. Estudando sua expressão, Joe entrou no quarto. Demônios, Rocco estava mais formoso do que recordava. Como era isso possível? — Gostaria de comer algo?

Rocco ficou de pé e secou suas mãos na calça. O velho jeans parecia moldar-se perfeitamente a seu pequeno corpo.

—Sim, só me deixe trocar de camiseta, doze horas em um ônibus me têm cheirando bastante rançoso.

Joe olhava enquanto sorria. OH esse sorriso seria a morte para ele. Enquanto esteve esperando, Rocco tirou da manga de sua camiseta para cima e fora. De algum jeito Joe não estava surpreso de que ver que Rocco não tinha nem um só cabelo em seu peito ou axilas. Não estava seguro se era o nativo norte-americano nele ou se ele a propósito se depilava. De qualquer maneira, esse efeito pôs seu pênis tremendo. Sua boca literalmente babava como se tivesse tomado o pequeno aro de prata de seu mamilo esquerdo.

Trocando sua atenção de novo à cara do Rocco, se ruborizou. Estava claro pelo olhar do Rocco que tinha pego Joe comendo seu corpo. Joe deu meia volta e caminhou para a porta.

—Estarei na sala esperando, para quando estiver preparado.

Cinco minutos depois, Rocco saiu vestido com uma camiseta de manga curta verde que tinha “Amo a cerâmica” escrito à frente. Mmm, não sabia isso do Rocco.

—Estás preparado?

—Sim — Rocco olhou a seu pai — Gostaria que te trouxesse algo?

Collin apertou o ombro magro e fino.

—Não, mas obrigado. Tenho um bife que assarei na churrasqueira.

Rocco lhe deu um duvidoso sorriso e caminhou para o Joe.

—Estou preparado.

Deixando que Rocco saísse, Joe se deteve antes que abrisse a porta do carro. Este não é um maldito encontro. Manteve-se recordando. Rocco observou seu carro com aparente apreciação.

—Eu adoro — disse com uma voz suave.

—Obrigado, eu também — disse Joe colocando-se atrás do volante. Depois de colocar o cinto de segurança, Rocco o olhou.

—Alguma vez conduz com a capota baixa?

—Sim, quando faz bom tempo, por quê? Quer que baixe a capota agora?

Rocco encolheu timidamente os ombros.

—Nunca estive em um conversível antes.

—Bom, não acredito que seja tão genial. Se acelerar, o calor deverá estar bem. É obvio qualquer um que cruzarmos no caminho nos olhará como se estivéssemos loucos — disse de brincadeira.

—Está bem, estou acostumado a esse tipo de olhares de todas as formas.

Viu como a dor atravessava o rosto do Rocco enquanto o dizia. Joe apertou o botão para baixar a capota, recordando-se de explorar a conversa mais a fundo quando chegassem ao restaurante.

—Algo especial que te soe bem para comer?

—Eu gosto quase tudo.

—Você gosta dos hambúrgueres? Há um lugar genial de hambúrgueres e vitaminas, por esta estrada.

Com um sorriso em sua cara, Rocco assentiu.

—Eu gostaria disso.

Joe se encontrou sorrindo.

—Então serão hambúrgueres.

Ele aumentou a velocidade e avançou pela estrada. Não pôde evitar olhar ao Rocco enquanto conduzia. Com seus olhos fechados, Rocco tinha sua cabeça apoiada no respaldo. Era óbvio que estava desfrutando do sol em sua cara e o vento atravessar seus cabelos. Observando o cabelo negro azulado, batendo na cara do Rocco, deu-se conta de que era uma imagem digna de contemplar. Joe estava tão concentrado na vista, que quase se passa a saída. Detendo-se em frente do restaurante com uma aparência dos anos cinqüentas, olhou de novo ao Rocco.

—Desfrutou-o?

—Sim — disse abrindo a porta do carro. Rocco era incapaz de conter seu entusiasmo, enquanto saltitava em seu caminho à entrada do restaurante.

Encontrar um lugar esvaziou não era problema a essa hora do dia, assim Joe propôs um lugar que estava o bastante afastado de outros clientes. Esperançosamente Rocco teria vontades de falar se sentir-se crédulo que ninguém o escutaria. Tomando o menu da mesa Joe o estendeu ao Rocco.

—Eu já sei que é o que vou pedir.

—Wow, há tantas opções. O que me recomenda?

—Depende do que goste, eu sempre peço o hambúrguer triplo de queijo com bacon e pimenta, acompanhada de batatas fritas e uma vitamina extragrande de morango.

—Mmm — disse Rocco e se lambeu os lábios. A ação pôs Joe duro em segundos.

—Tudo isso sonha bem, exceto a pimenta, minha boca queima se como algo tão picante.

—Terei que recordar isso — disse sem pensá-lo.

Depois de dar à garçonete o pedido, Joe estirou seus braços na mesa.

—Sente-se com vontades para me dizer por que foi embora de casa?

Rocco olhou seus joelhos e sacudiu sua cabeça. Joe o viu apagar-se ante seus olhos.

—Sabe, não direi a ninguém o que falemos aqui, será só entre nós.

—Só precisava ir — murmurou baixinho Rocco.

Algo na forma em que o havia dito, disparou os sinos de alarme na cabeça do Joe. Os pequenos

cabelos detrás da cabeça do Joe se arrepiaram enquanto estudava a linguagem corporal do Rocco. Já tinha visto um comportamento similar antes, e sabia que não chegaria a nenhum lugar se pressionava.

Decidido a trocar o tema, leu o que estava escrito na frente da camiseta do Rocco.

—Assim cerâmica né? Não sabia que fazias isso. Seu pai nunca o mencionou.

—Não sabe — disse Rocco, levantando a vista. Seus olhos brilhavam como Joe nunca os tinha visto, verdes outra vez, notou-o. Supunha que deviam trocar a essa cor quando se emocionava.

Claro que isso também significava que Rocco se havia emocionado em seu primeiro apertão de mãos. A informação sacudiu seu controle mais do que quis admitir. Deu-se conta de que Rocco estava falando, sacudiu sua cabeça.

—De todas as maneiras — continuou Rocco —, Lorne me deu minha primeira lição. Ele aprendeu como fazer com seu avô. Tive que trabalhar em uns quantos trabalhos, mas continuou me ensinando tudo o que precisava saber.

—Sinto muito, perdi algo. Quem disse que era este Lorne?

—Nosso vizinho. Ele e sua mãe se mudaram para o lado de nossa casa quando eu tinha mais ou menos quinze anos.

—Está bem, sinto muito. Então trouxe algum trabalho contigo?

—Não, sabia que se romperia se o metia em minha mala, embora tenha um álbum de fotografias do que tenho feito. Eu gostaria de te mostrar isso alguma vez se quer vê-lo.

—Eu adoraria.

Se jogou para trás quando a garçonete trouxe seus hambúrgueres. Joe sorriu enquanto os olhos do Rocco se cravavam ante a comida depositada ante ele.

—Atacar — disse enquanto levantava seu hambúrguer.

Pela maneira que Rocco comeu, soube que fazia tempo que não comia.

—Tomarei, como que tinha fome — brincou. Um leve rubor rosa se formou em suas bochechas.

—Faminto, passaram um par de dias desde que comi a última vez.

—O que?! — Joe sentiu como seu lado protetor saía à superfície — Que demônios estiveste fazendo para não ter comido?

—Chegar aqui, principalmente. Só tinha dinheiro para chegar à fronteira de Idaho de ônibus. Consegui carona e caminhei o resto do caminho. A comida era o último em minha mente.

Estirando-se sobre a mesa pôs suas mãos no antebraço de Rocco.

—Por que não chamou o Collin?

—Tinha medo de que não me deixasse vir — disse, seus olhos estavam abatidos.

Fechando os olhos, Joe lutou consigo mesmo com tudo o que tinha.

Não desejava nada mais que aproximar Rocco de seu peito e cuidar dele. Detenha, velho verde. Abriu seus olhos e olhou sua mão ainda no antebraço do Rocco. Não tinha se dado conta que estava roçando sua suave pele com o polegar. Sua pele estava agora um pouco áspera pelo roce, olhou os olhos do Rocco e viu que seus olhos verdes foram-se, tinha-os fechados.

Dando-se conta, Joe se recostou novamente e trato de acalmar seu ritmo cardíaco acelerado. Uma chamada no seu celular foi uma distração bem-vinda.

—Me desculpe, mas pode ser um paciente — abriu o telefone e o aproximou do ouvido.

—Sim?

Rocco continuou comendo, enquanto observava Joe falar pelo telefone. Pela maneira em que a chamada se ia desenvolvendo, tinha o pressentimento de que seu tempo com o Joe estava por terminar. Rapidamente comeu o que ficava da comida, não deixaria que nada se desperdiçasse. Enquanto mastigava, não pôde evitá-lo, mas observou a maneira como os lábios do Joe se moviam quando falava. Era tão atrativo, Rocco o podia dizer pela forma em que moviam-se, e as comissuras de sua boca se dobravam indicando que algo andava mal.

Quando terminou sua chamada, Joe o olhou.

—Sinto muito, mas um amigo que também é meu novo paciente teve um problema. Disse a seu companheiro que me esperasse na estação de polícia.

—Nada sério, espero — doía ver o afligido olhar na cara do Joe.

—Espero que não, mas isso quer dizer que devo terminar nosso jantar logo — olhou para seu prato vazio.

—Terminei, podemos ir quando quiser.

—Obrigado — Joe tirou a carteira do bolso traseiro de sua calça, e pôs umas quantas notas. Joe de pé olhou para o Rocco ainda sentado — Preparado?

—Sim — disse, seguindo ao Joe até o carro.

Conduzindo para casa, Rocco observava ao homem maior de canto de olho. Apesar de que o conhecia pouco, tratava-o como ninguém o tinha feito. Poderia dizer-se que Joe era igualmente atrativo para ele, mas estava agüentando-se. Rocco assumiu que era por sua idade. Todos pensavam que era muito jovem para ter sentimentos reais, mas pensava diferente. Com uma mãe que nunca estava em casa, aprendeu muito jovem a cuidar-se sozinho.

Seu primeiro trabalho foi de vendedor em seu bairro em uma loja de comestíveis. Aí ganhou dinheiro suficiente antes e depois da escola para poder alimentar-se e comprar sua própria roupa. Muitas vezes, inclusive tinha sido obrigado a pagar o aluguel quando sua mãe tinha gasto o dinheiro em embebedar-se ou o tinha apostado. Rocco tinha sido mais o pai do que Janie tinha sido a mãe. Nunca soube o que sua mãe tinha feito com a pensão que recebia cada mês, mas Rocco nunca tinha visto nenhuma evidência disso.

Não foi até que Lorne se mudou ao lado de sua casa, que se preocupou em só sobreviver. O primeiro dia que viu o menino de dezessete anos, criar um tigelão em seu torno de oleiro, Rocco tinha ficado encantado. Faria qualquer coisa para ter a oportunidade de criar algo tão formoso. Isso o levou a sua iniciação no sexo. Rocco não estava feliz de todas as coisas que tinha feito, mas tudo isso tinha terminado agora e tinha a oportunidade de fazer uma verdadeira vida por si só, uma da que pudesse estar orgulhoso. Nunca quereria retornar à Reserva ou ver o desgosto na cara de sua mãe. Não era sua culpa.

—Está bem? — perguntou Joe, rompendo seus pensamentos.

—Só pensava.

—Amanhã há um churrasco, e pensei que tu e Collin gostariam de ir. Tentarei lhe chamar mais tarde se tiver a oportunidade. Se o mencionar só lhe diga que é na casa do Justin.

—Está bem — murmurou, e se girou para olhar através da janela do passageiro. O pensar em ter que lhe falar com seu pai o assustava até a morte. Sabia que era uma grande decepção, e seu pai nunca tinha escondido isso.

—Ouça — disse Joe, colocando sua mão sobre sua perna. Rocco sabia que era um gesto para reconfortá-lo, mas isto acendeu a seu corpo em um batimento de coração. Antes que pudesse evitar cobriu a mão do Joe com a sua enquanto voltava a vê-lo.

Joe se deu conta de seu agarre na perna do Rocco como se tivesse sido queimado.

—Sinto-o — disse. Estacionando ao lado da estrada. Merda, isso fez sentir ao Joe incomodo.

—Está bem, sério. Senti-me... bem.

—Não deveria deixar que a gente te tocasse dessa maneira, embora seja por preocupação. Não tinha direito, e devo me desculpar.

—Sei que pensa que sou só um menino, mas não o sou. Provavelmente vi mais em meus dezoito anos do que você em toda sua vida e não sou virgem desde que tinha quinze — podia ver o impacto na cara do Joe — Eu gosto, e não vou fingir que não, mas posso ver que te ponho incomodo, assim que me contarei.

Joe fechou os olhos e sacudiu sua cabeça.

—Não importa o que pense ou sinta. Não está bem. Você é muito jovem e eu muito velho.

—Não está bem, ante os olhos de quem? A sociedade ou meu pai? — agora era sua vez de

colocar sua mão sobre a perna de Joe — Ninguém dos que conheço esteve aí para mim quando os necessitava, então por que deveria me preocupar que eles não gostem?

—Seu pai te ama. Sei que isso é verdade.

—Seriamente? Aparecia uma vez por ano, na semana de visita. Nunca fui convidado para a sua casa. Tive que chamar o serviço de informação só para obter a direção da casa de meu próprio pai. Nunca, nenhuma só vez, veio a minha casa, para ver como estavam me cuidando, alimentando ou me amando. Parte de mim quer isso dele agora, e parte de mim sabe que nunca estarei à altura de suas expectativas.

Joe tocou suas bochechas e o olhou fixamente aos olhos.

—Você sozinho? Cuidou-te, quero dizer.

—Sim, cuidei-me sozinho.

Joe começou a inclinar-se para ele, seus lábios estavam separando-se, mas uma buzina forte o deteve. Sentando-se, fechou os olhos e sacudiu sua cabeça.

—Preciso chegar à delegacia de polícia.

—Claro — disse Rocco tirando a mão de sua perna.

CAPÍTULO DOIS

Enquanto passava pela porta deu patadas em seu calçado. Joe lançou suas chaves sobre a mesa. Olhou a seu redor na sala de estar e suspirou.

—Outra noite solitária.

Bem, ao menos tinha o fim de semana para fazer algo. Ele, Collin e Rocco iriam às montanhas para encontrar-se com seus amigos para um nevado fim de semana do Halloween.

Falando do Halloween, ele tinha esquecido visitar a loja e recolher as guloseimas para “Doces ou Travessuras”. Merda. Eles foram viajar com os meninos, mas um dos clientes regulares tinham tido uma crise e lhe tinham pedido uma entrevista urgente.

Depois de uma rápida chamada ao Collin, puseram-se de acordo em que subiriam na sábado pela manhã o que lhes daria tempo para esquiar.

Acendendo a luz da cozinha, olhou no refrigerador. Nada. Típico. Abriu a porta da despensa e tirou um pote de sopa e uma caixa de macarrão. Quando a abriu os verteu em uma taça e começou a pensar no Rocco.

Surpresa!

Surpresa? Pensou. Pôs a taça no microondas e começou a revolvê-lo. Voltou para o mesmo. Não tinha pensado quase em nada mais em toda a semana. Tinha chamado a casa do Collin para comprovar que tal estava Rocco um par vezes e haviam tido uma série de conversas agradáveis.

Fazia uns poucos dias, tinha visitado o Collin expressamente para ver as fotos dos trabalhos em cerâmica do Rocco. O que tinha visto o tinha deixado assombrado. Se os potes¹ e floreiros fossem a metade de maravilhosos como se viam nas fotos, Rocco tinha um estranho dom.

Ele também tinha averiguado que Rocco passava uma boa quantidade de tempo trabalhando no computador. Os desenhos gráficos que Rocco tinha criado pareciam feitos por um profissional. Joe estava assombrado das habilidades que Rocco tinha.

Não se surpreendeu quando descobriu que Rocco esperava assistir à universidade em janeiro. Seu desejo era converter-se em professor de arte. Era incrível que considerando seu talento não lhe interessasse fazer-se rico com ele, o fato de que tivesse escolhido compartilhar seu dom com estudantes, fez que o coração do Joe se esquentasse.

O assobio molesto do microondas interrompeu seus pensamentos. Levou sua comida à mesa, recuperou da geladeira uma cerveja fria e se sentou para uma solitária janta. Uma chamada

¹ Vaso em forma de jarra em que se plantam e têm flores e ervas cheirosas.

durante à tarde do Luc os teve ao Collin e ao Rocco viajando e chegando a menos de uma hora à cabana.

Luc tinha considerado necessário que Demitri falasse com alguém a respeito de uma experiência com a morte, que tinha tido um dia antes. Depois de que Demitri se convencesse que ter medo da morte era algo perfeitamente normal, seguiu conversando com ele de que tampouco devia deixar que esses medos governassem sua vida.

Uma vez que Demitri saiu em busca de seu voluntarioso companheiro, Joe se relaxou no enorme quarto com o resto dos chapados a antiga² que não iriam ver a partida.

Desde só pensar no Rocco em um apertado disfarce do Halloween, como o que tinha ouvido que Aaron levaria, tinha ao Joe vendo vermelho. Desse modo. Ele estava melhor aí. Eles falaram e riram um momento até que Luc começou a bocejar. Justin viu esse olhar em seus olhos e sorriu abertamente.

—Me diga, acaso necessita que te ponha na cama, homem sonolento?

— Mmm Umm! — disse Luc, bocejando outra vez. Assinalando para cima Justin lhe indicou o desvão.

—Ali há um agradável sofá cama desdobrável. Vocês dois têm uma cama suplementar abaixo. E vi um par de sacos de dormir no armário. Os pegarei.

Joe olhou ao Collin. Realmente não pensava que ficar sozinho com o Rocco fosse uma boa idéia, mas seu amigo tinha quase dezessete anos mais que ele e necessitava da cama.

—Por que não sobe ao desvão?

—Está seguro? Passei várias noites em um saco, posso dirigi-lo.

—Estou seguro — sorriu abertamente ao Collin que já se dirigia para a escada. Certamente seu amigo não apresentaria objeções.

Colocando os sacos de dormir e dois travesseiros sobre a cadeira desocupada, Justin bocejou e se estirou enquanto se dirigia para seu dormitório.

—Nunca acampe! — sussurrou Rocco enquanto estendia seu saco de dormir — entretanto passei muitas noites no chão.

Aí estava outra vez. Outro vislumbre do passado do Rocco. Queria tanto conhecer homem, mas tinha medo de sentir-se mais protetor do que já o era.

Collin lhe tinha perguntado na partida do Justin se ele estava disposto a falar com o Rocco profissionalmente. Tanto como o odiou teve que rechaçar o pedido de seu amigo. Não podia ser objetivo quando se tratava do Rocco. Certamente, havia dito ao Collin que estava muito perto do Rocco para trabalhar com ele, mas deixou fora do bate-papo lhe contar à luxúria que sentia pelo corpo de seu filho.

—Quer que arme sua cama? — perguntou-lhe Rocco, abrindo o outro saco de dormir.

—Perfeito — lhe disse, enfocado nos pequenos quadris e o traseiro metido em uns apertados jeans azuis.

Quando Rocco estendeu a cama do Joe a seu lado, Joe tremeu.

Agitou sua cabeça e se levantou. Caminhou para o Rocco e o olhou para baixo.

—Eu realmente não acredito que isto seja uma boa idéia.

—Por quê? Pensei que poderíamos falar uma vez que estivéssemos na cama. Deste modo ninguém nos ouvirá.

Joe elevou a vista para o desvão. Ele ouvia o Collin roncar gravemente. Deus, ele queria o mesmo que Rocco, mas sabia que não seria capaz de tirar suas mãos dele.

—Por que não nos sentamos no sofá até que estejamos preparados para ir a dormir. Poderemos

² A autora diz duffy buddy. Imagino que se refere à com outro que não se interessava pelo futebol. Também se está acostumado a dizer que alguém é “chapado à antiga” quando não se soma à modernidade amando fazer coisas como se fazia antes neste caso ver a partida por televisão quando outros vão presenciar o em vivo

conversar, será mais seguro.

Rocco riu e lhe piscou os olhos um olho.

— Mais seguro para quem?

— Para ti. Acredito — ele olhou fixamente os olhos verdes do Rocco por uns quantos segundos antes de inclinar-se e mover sua cama até que esteve a um braço de distância do sofá — Tem vontades de falar? — perguntou-lhe, sentando-se e lhe assinalando a ponta do sofá do outro lado.

Com um brilho em seus formosos olhos, Rocco se sentou onde Joe lhe tinha apontado.

— Por quanto tempo mais vais negar?

— Negar o que? — perguntou-lhe, sabendo muito bem do que falava Rocco.

Em uma fração de segundo, Rocco cruzou todo o comprimento do sofá e colocou sua mão contra a ereção vestida pela calça de linho do Joe.

— Isto. Me queres tanto como eu te quero — lhe sussurrou Rocco contra seus lábios, segundos antes que ele sentisse sua língua em sua boca.

OH droga!, Rocco sabia tão bem. Em um ataque de paixão, Joe empurrou-se na mão do Rocco enquanto tomava sua cabeça para aprofundar o beijo. Enroscou sua língua com a do Rocco atirando-o sobre seu regaço. Pênis contra pênis, os dois começaram a balançar-se um contra o outro, enquanto o beijo continuava, tão desesperado como jamais tinha estado alguma vez. A tosse do Collin golpeou ao Joe retornando-o ao momento.

Rapidamente deixou o beijo e levantou o Rocco de seu regaço.

— Não posso — lhe sussurrou, elevando a vista para o desvão — Não posso. Isto não está bem.

Um momento depois olhou ao Rocco e retrocedeu ante ele. Ele está acostumado a isto, pensou Joe.

Quando Rocco começou a levantar-se, Joe o atirou para baixo.

— Não! Não vá ainda.

Rocco lhe dirigiu um olhar perplexo, mas ficou sentado.

— Na verdade necessito que tente me entender. Não é que não te queira. Não sai de minha cabeça nem de dia nem de noite. Mas tenho trinta e cinco anos e merece algo melhor. Deve estar com alguém de sua mesma idade, não com um psiquiatra de meia idade.

Estendendo a mão para tocar o bordo de sua velha camiseta, Rocco lhe disse:

— É como todos eles. Só me diz o que crê que pensa que devo ouvir e só procura te desfazer de mim.

— Não! — gritou Joe, um pouco mais forte do que houvesse querido. Tomou ao Rocco pelos ombros e o sacudiu.

— Não sou como ninguém. Caio-me com força e rápido, mas não posso te deixar passar por isso. Não me entende? Collin é meu melhor amigo. Eu poderia perder tudo se me deixasse cair completamente apaixonado por ti, meus amigos, minha prática. Tudo.

Rocco se liberou do agarre pelo Joe.

— Não tudo, mas suponho que o que teria em troca não seria suficiente.

Joe começou a responder quando ele ouviu um leve pigarro. Olhando de onde provinha o som, compreendeu que Demitri e Aaron tinham entrado. Ele tragou e tentou mostrar um sorriso que não sentia.

Rocco olhou Joe dirigir-se para o Demitri e Aaron desde seu lugar no sofá. Nem sequer podia sorrir, nem pensar de tentar participar de uma conversação. Assim que o par entrou, passaram para seu quarto. Rocco se levantou e se despiu, deixando-se só uns boxer negros. Rechaçou olhar ao Joe, avançou lentamente a seu saco de dormir e girou lhe dando as costas.

Ele ouviu o rangido de roupa e soube que Joe se despia. Rocco estava tentado a olhá-lo tirando a roupa. Para, gritou a si mesmo, mas seu corpo começou a reagir à imagem do Joe nu detrás dele.

— Rocco?

Rechaçando retomar a conversação anterior nem sequer lhe respondeu. A cremalheira do saco

do Joe soou com força dentro do silencioso quarto.

—Rocco, por favor me olhe — lhe suplicou outra vez Joe.

—Não há nada mais que dizer, boa noite — disse rezando para que Joe o deixasse assim. Rocco sabia que ele tinha muito em que pensar. Ele não era dos que deixavam as coisas quando algo parecia um impossível. Escapar do sentido comum era sua especialidade.

Quando se sentou para tomar o café da manhã a manhã seguinte, Rocco olhou seu mantimentos. Sabia que Luc se preocupou muito, mas a verdade é que nada gostava. Tinha estado acordado a maior parte da noite tentando decidir que fazer com o Joe. E também sabia que não se renderia sem lutar. Ao redor das três da manhã decidiu que talvez fosse hora de afastar-se e reagrupar-se.

Já se tinha registrado para o semestre da primavera. Talvez depois de que começasse a universidade e o colégio, Joe visse o sério com que enfrentava seu futuro. Um homem não poderia esperar menos.

Demitri rompeu seus pensamentos com uma pergunta que lhe dirigiram:

—Esquia?

—Não — disse brandamente — só ficarei aqui enquanto vocês fazem.

—Tolices — protestou Collin — Pode subir a montanha comigo e Joe. Se for ficar por aqui um tempo é hora de que aprenda.

Rocco olhou abaixo, ao prato. Por que seu pai tinha que fazer isto sempre? Ali, diante de todos na mesa, estava lhes dizendo que filho inepto tinha o treinador de futebol. Ele apertou seus olhos e rezou procurando um pouco de calma. Por que não podia só por uma vez estar com quem ele quisesse?

Sentir a voz do Joe defendendo-o quase rompeu seu coração. Ninguém jamais o tinha defendido.

—Lhe deixe só. Se ele decidis tentar uma vez que nos tenhamos ido, excelente, a não ser, não há problemas — disse Joe.

—Está bem — disse Rocco, com um suave tom. A última coisa que queria fazer era chamar mais a atenção a sua carência de habilidades atléticas — Papai, tem razão algum dia vou ter que começar a tentar coisas novas se for ficar por aqui.

—Talvez devesse tomar algumas primeiras lições, antes que tente seguir a seu pai e a mim, na montanha. Os instrutores lhe ajudariam a aprender o básico, e logo se quiser tentar pode vir conosco.

—Obrigado.

Ao menos poderia tentá-lo, decidiu. Se ele rompia algo ao menos seu pai deixaria seu traseiro por algum momento.

Tomar o café da manhã lhe levou mais tempo do que estava acostumado, mas realmente não tinha vontade de comer. Além disso, agora a mesa estava silenciosa e era sua culpa. Ele pôs seu guardanapo sobre a mesa e ficou de pé, tomou seu prato que estava quase cheio.

—Vou limpar antes que nos partamos.

Levando seus pratos à cozinha, ele ouviu como seu pai saía com o Joe. De repente, já não pôde suportá-lo. Caminhando tão rápido como pôde se meteu ao quarto de banho, agarrando sua bolsa no caminho.

Posso fazer isto, disse-se a si mesmo enquanto se metia na ducha. Tomaria lições e ao menos faria o esforço antes de apresentar-se em sua casa como sempre tinha pensado fazer. Ele estaria só, mas o que tinha isso de novo?

CAPÍTULO TRÊS

Passar tempo com o Rocco estava começando a converter-se em um hábito. Um que não tinha

intenção de romper. Joe se apoiou no respaldo da cadeira de seu escritório e deslizou seu dedo por cima da terrina que Rocco tinha lhe dado no Natal. Estava em um lugar predominante no aparador detrás de seu escritório. Vários pacientes tinham-lhe perguntado onde podiam conseguir uma igual.

—Em nenhuma parte — lhes dizia — é único.

Simplesmente como Rocco, sorriu recordando o dia que Rocco passou por seu escritório. Eram dois dias antes do Natal e estava tentando conseguir deixar tudo organizado para retornar a Chicago e ver sua família. Um golpe na porta o surpreendeu.

—Entre.

Rocco abriu a porta.

—Ah, trouxe algo para ti — disse Rocco enquanto se dava a volta e agarrava um grande pacote do chão. Belamente envolto em papel branco com um precioso laço verde esmeralda encaracolado.

—Estupendo É para mim?

—Para ninguém mais — respondeu Rocco, enquanto punha o presente no centro de seu escritório — Sei que amanhã pela manhã estará voando. E pensei em lhe trazer isso

Joe tocou a fita de seda.

—Eu tinha planejado te dar seu presente esta noite quando Collin e você fossem jantar.

—Abre-o.

Via tal excitação na cara de Rocco que Joe riu entre dentes. Tinha visto pessoas assim felizes ao receber um presente, mas nunca dando um.

Desatando o laço, Joe tomou seu tempo para dobrá-lo e guardá-lo em seu bolso. Rocco rodou seus olhos e fez sinais para que se apressasse e chegasse à parte boa. Em um esforço por fazer feliz ao Rocco, rasgou o papel branco. Dentro havia uma grande terrina pouco profunda.

—Você fez isto? — perguntou com reverência. As cores degradados de azul o aturdiram tanto como a lisa superfície de cristal.

—Sim o fiz — disse, parecendo muito orgulhoso de si mesmo. Joe pegou a terrina e o estudou por todos os ângulos.

—Como? Onde?

—Fui ao Departamento de Arte e falei com o professor sobre provar algo nas classes de olaria no nível mais baixo. Pediu-me que demonstrasse o que eu podia fazer e depois de uma semana de trabalhar com ele, este é o resultado. O Professor Willis ficou muito impressionado, disse-me em um ano ou dois estaria feliz de me ter como ajudante para dar algumas aulas. Penso que vai falar com o Decano sobre me conseguir algumas classes mais — disse emocionado.

Posando o tigela, Joe estendeu a mão e atirou do Rocco para seus braços.

—Eu adoro. Nunca poderá me dar um presente melhor — apertou ao Rocco com força contra seu peito, querendo, desesperadamente lhe dar um beijo, mas ambos se refrearam muito bem desde a noite na cabana.

Em troca, beijou o cocuruto da cabeça do Rocco quando ele olhou fixamente à terrina em seu escritório. Sabendo que as mãos apertadas contra seu traseiro poderiam criar algo tão bonito, soube que todo o gasto e preocupação que tinha tido pelo presente do Rocco valia a pena. Ele não podia esperar a ver a cara do Rocco quando ele e Collin lhe mostrassem a garagem da casa do Joe. Eles tinham preparado uma completa mini-oficina de olaria elétrica para ele, era de segunda mão, a roda a tinha encontrado em Internet. Havia prateleiras para a secagem e uma panela de polido. Mais adiante, poderiam permitir o luxo de comprar o forno, mas para isto teria que esperar. Certamente o poderia ter para Março que era o aniversário do Rocco.

—Amo-te — sussurrou Rocco contra seu peito.

Que Deus o ajudasse mas se encontrou dizendo as mesmas palavras.

—Eu também te amo. Algum dia, encontraremos uma forma de estar juntos.

Joe agitou sua cabeça, enquanto voltava para presente.

Já estavam na segunda quinzena de janeiro e ainda não havia encontrado uma maneira para que pudessem se ver abertamente. Rocco havia começado a universidade na semana anterior e parecia desfrutar. Sempre que Joe lhe perguntava por isso, os olhos do Rocco se acendiam ao falar de seus professores e dos projetos que tinha planejado.

Quando recolheu sua jaqueta e carteira, Joe começou a preocupar-se sobre a conversa que tinha tido com o Demitri a noite anterior. Não podia acreditar o que lhe havia dito sobre o Rocco e o mútuo amor que eles sentiam. Seu amigo o tinha entendido e tentou consolá-lo em seu dilema, mas agora que seus sentimentos pelo Rocco estavam à luz, teve medo de que Collin se inteirasse. Sabia que Demitri não era fofoqueiro, mas às vezes as coisas escapavam sem querer, e este era um segredo que não podia permitir que Collin averiguasse sozinho. Decidiu falar com o Demitri na partida de pôquer para que guardasse seu segredo a salvo até que tivesse a oportunidade de falar com o Collin.

Colocando-as botas de neve guardou seus mocasines na maleta e fechou com chave o escritório. Se tinha sorte, Rocco estaria em sua casa quando chegasse. Converter a garagem em um estúdio era a melhor idéia que tinha tido em sua vida. Podia passar as horas olhando como as mãos do Rocco trabalhavam a argila. E no transcurso disto normalmente tinha que desculpar-se para ir a outro lugar e tentar controlar os desejos de seu corpo, mas merecia a pena ver tanto a habilidade como a obra resultante. Depois de raspar a neve fresca de seu pára-brisa se sentou e colocou o cinto de segurança. Parou e comprou cervejas na loja a caminho da casa do Alec.

A tarde ia bem até que seu telefone soou. Maldição, estava a ponto de fazer sua aposta. Olhou o identificador de chamadas e viu que era Collin. Jogando uma olhada ao relógio que estava na mesa viu que eram às dez e meia da noite. Por que Collin lhe estava chamando tão tarde? Desculpando-se da mesa, caminhou para a sala.

—Olá?

—Dei-lhe uma patada no traseiro ao bode e lhe joguei fora de casa — grunhiu a voz do Collin.

—O que? Onde foi? Sobre o que me está falando? — perguntou completamente desconcertado.

—Não sei onde foi, e agora mesmo, não me importa. Recebi uma chamada de sua mãe. Janie me disse muito zangada que deixe de lhe apoiar, disse-me algumas coisas muito interessantes sobre o Rocco.

Que demônios pôde Janie haver dito que faria que um pai desse as costas a seu único filho? —E?

—Ele estava transando com um vizinho dele. Rocco rompeu com o moço e se negou a escutá-lo quando tentou falar com ele sobre isso. Parece que o menino se matou. Por isso fugiu para longe. Todos na reserva pensam que algo cheira mal sobre o suposto suicídio. Rocco estava ali quando passou. Como pode alguém estar ali vendo que outro vai se matar com um tiro e permiti-lo? Digo-te, Joe, que penso que jamais conheci meu filho, só o Rocco que ele me fez acreditar que era.

Joe sentia que a bília lhe subia pela garganta. Não pelo que Rocco fizesse ou deixado de fazer, era pela maneira que Collin tinha reagido para ele.

—Tentaste falar com ele sobre isso pelo menos? Perguntaste-lhe sobre sua versão da história?

—Demônios não. Estou seguro que me faria passar por tolo de novo.

—Diz que não conhece Rocco, bem eu estou começando a me perguntar o mesmo contigo. Que aconteceu o pai que pretendia amá-lo? Ouve a opinião de outras pessoas e de repente estas disposto a lhe dar uma patada no traseiro para lhe tirar de sua vida. Possivelmente deve te questionar se alguma vez realmente lhe amaste. Porque eu amo-o e agora mesmo, estou muito preocupado por ele.

—Que demônios há dito?

Merda pensou. Era muito tarde para tornar-se atrás agora.

—Estou apaixonado pelo Rocco há vários meses. Não tenho feito nada sobre isso porque tinha medo de perder sua amizade e respeito, mas agora mesmo não poderia dar nada por nenhuma das

duas — desconectou a chamada e se dirigiu para a sala.

Justin estava de pé na porta com um olhar de preocupação.

—Vai tudo bem? — perguntou, enquanto assinalava para seus amigos — Infelizmente, nós não pudemos deixar de ouvi-lo sem querer.

—Não. Collin jogou Rocco para fora de casa com um chute. Tenho que ir buscá-lo. Está nevando fora. Por Cristo! Como um pai pode dar uma patada a seu próprio filho e lhe deixar fora com este frio?

Mordendo-os lábios, Justin agitou sua cabeça.

—Não sei. Não parece Collin.

—Não, não o parece mas possivelmente não o conhecia tão bem como pensava.

Justin caminhou para o Joe e lhe pôs uma mão no ombro.

—Durante algum tempo. Custou-me aceitar a relação do Alec e Max.

Joe sentia que o rubor cobria sua cara.

—Assim ouviu essa parte, uh?

—Sim. E antes que me pergunte, não, não trocará a maneira que seus amigos lhe vêem. Bom, exceto Collin possivelmente, mas ele está olhando a situação como um pai não como um amigo.

Joe cabeceou.

—Obrigado. Vou, tenho a esperança que Rocco esteja em minha casa. Diga adeus aos meninos por mim.

—Direi. Chama se precisar falar.

—Obrigado, certamente vou precisar — ondeou sua mão despedindo-se quando fechou a porta de seu carro.

Assim que chegou a casa, descobriu a trenca³ do Rocco.

—Graças a Deus — sussurrou ao céu. Atirando a suas as chaves, tirou as botas, a jaqueta e foi para a garagem. Alegrava-se de lhe haver dado uma chave da casa ao Rocco no Natal para que pudesse entrar em seu estúdio sempre que quisesse.

Abrindo a porta da garagem, deteve-se e olhou fixamente.

Acurrucado em posição fetal sobre o chão, Rocco estava sujo de argila. Ao Joe parecia como se lubrificou completamente dela. Seu pequeno e magro corpo se agitava, pelos soluços e o frio, no chão.

Tomando uma respiração profunda, caminhou para ele e agarrou a Rocco em seus braços, sem preocupar-se de seu caro traje. Rocco enterrou a cara contra o peito do Joe enquanto o levava através da sala caminho do quarto de banho. Sentando-se sobre a tampa fechada do inodoro simplesmente sustentou a seu homem por uns minutos. Ao final inclinou-se para trás para ver o Rocco.

—Sinto muito que seu pai te tratasse assim.

Uma parte dele realmente queria saber exatamente o que tinha passado com seu amigo. Supunha que o amigo tinha sido Lorne, que lhe tinha ensinado ao Rocco tudo o que sabia sobre a olaria. Tanto como ele queria saber, também sabia que esta informação a teria que dar Rocco livremente. Joe não tinha nenhuma dúvida em sua mente de que Rocco não ajudou ao moço a matar-se, e se Rocco se negou a falar com o Lorne devia ter tido uma maldita razão para fazer isso.

Agora mesmo o mais importante de tudo era tranquilizar a seu amor o bastante para poder colocá-lo na ducha. Quanto dor e cólera tinha que ter uma pessoa dentro para fazer-se algo?

—Rocco? Doçura? Quer te dar uma ducha?

Agitando sua cabeça, Rocco o olhou.

—Eu não quero que me solte nem vá.

—Não o farei. Só o tempo que tome nos despir aos dois — viu como os olhos de Rocco se

³ Deste lado do Atlântico, simplesmente lhe dizemos blazer, ou seja a jaqueta de um uniforme.

alargavam ao ouvir essa declaração.

—Entrará comigo?

—Pode apostar seu doce traseiro. Estou farto de nos ocultar. Amo-te, passaremos por isso juntos.

Rocco agarrou as lapelas do traje com seus punhos.

—Mas não sabe o que aconteceu. Por que me ajudaria sem sabê-lo?

—Porque te amo, e o amor é isso. Você me dirá isso quando esteja preparado para isso.

Joe recebeu um estranho olhar do Rocco, como se estivesse tentando deduzir por que uma pessoa o amaria incondicionalmente. Oh sim, podia ver que seu homem tinha tido alguns problemas que precisava exorcizar. Estando de pé, caminhou para a ducha e esperou que Rocco abrisse a porta e abrisse a água.

—Vou te colocar no chão para que nos possamos despir. Rocco cabeceou e ficou de pé. Depois de umas profundas respirações para tranquilizar-se, Joe atirou da camiseta enlameada do Rocco. Realmente cambaleou, como reação ao ver o aro de prata que atravessava o castanho e escuro mamilo de Rocco. Agachando-se delineou a tentação com sua boca, lhe dando um bom puxão antes de soltá-lo.

Com um gemido, Rocco se enganchou a seus olhos e desabotoou-se as rígidas calças jeans baixando-os por suas firmes pernas. Agachou-se e as tirou completamente, ao momento estava de pé diante do Joe totalmente nu.

—Jesus! Doçura, é muito belo — sussurrou Joe em um suave tom reverente.

Ficou com água na boca ao olhar o aro de prata adornado com contas que decorava a área onde o pênis se encontrava com os testículos, um lorum⁴ acreditava que se chamava.

Em sua pressa por sentir a pele lisa e sem pelo do Rocco contra ele se despiu em um tempo recorde para que nada lhe incomodasse. Nu, ofereceu-lhe a mão quando se meteu sob o jorro quente da ducha. Rocco se meteu imediatamente entre seus braços, Joe agarrou a barra de sabão e começou a lhe lavar a argila seca que tinha no corpo.

—Serei cuidadoso contigo — lhe disse com suavidade.

A cabeça do Rocco permanecia inclinada para baixo. Joe não sabia se ele estava olhando correr a argila pelo deságüe ou se devia sentir-se adulado de que sua ereção lhe mantivesse tão fascinado. Tudo o que sabia era que queria ao Rocco limpo e em sua cama nos próximos minutos. Depois de lhe lavar os braços e a frente, Joe verteu o xampu em sua mão e começou a lhe lavar todo o cabelo negro azulado. Queria beijar tanto ao Rocco que sentia dor nos lábios. Mas sabia que uma vez comesasse não se deteria até que estivesse dentro do homem que amava e Rocco merecia mais que um toque rápido na ducha. Lavou o resto do corpo de seu amante rapidamente quase vibrando com necessidade. Quando julgou que Rocco já estava limpo, fechou a água e abriu a porta da ducha agarrando um par de toalhas da prateleira.

Mordendo seu lábio, Rocco lhe buscou finalmente com o olhar.

—Não quer me beijar?

—Demônios sim, mas estou tentando dar o melhor de mim e mostrar algum refreamento até que possa te tomar em minha cama.

Deu uma toalha ao Rocco para que se secasse enquanto fazia o mesmo rapidamente. Quando Rocco começou a secar-se com a toalha de forma casual por sua pele bronzeada, Joe sentiu que seu pênis começava a pulsar com necessidade.

—Basta — disse, enquanto agarrava ao Rocco pela mão e o levava nu de volta ao quarto.

Com um rápido giro de seu pulso tirou o cobertor fora da cama e atirou ao Rocco abaixo com ele.

⁴ O lorum é um piercing genital masculino, colocado horizontalmente na parte inferior do pênis em sua base, onde o pênis se reúne com o escroto.

—Me beije — lhe disse contra os lábios.

O empurrão da língua do Rocco contra a sua, lançou ao Joe de cabeça em uma apaixonada neblina. Situando-se em cima do homem menor, moeu seu pênis dolorido contra o duro eixo de aço do Rocco. Oh! Como era possível ter vivido trinta e cinco anos sem ter estado alguma vez tão quente? Estava completamente brincalhão.

Quando Rocco rompeu o beijo, Joe tratou de voltar a beijar seus lábios. Uma ligeira cotovelada fez que abrisse olhos.

—O que está mau?

—Não ouve isso? — perguntou Rocco com uma expressão preocupada.

Elevando a cabeça, ouviu que alguém golpeava a porta como se quisesse parti-la em dois de um só golpe.

—Merda — suspirou. Enterrou sua cabeça no pescoço do Rocco — Vinte dólares que é Collin. Suponho que não partirá até que de um murro me deixe nocauteado.

—Quer que vá? — perguntou Rocco.

—Não a menos que queira — agüentou a respiração esperando a resposta do Rocco.

—Eu... não quero estar de novo sem ti.

—Isso é tudo o que eu preciso ouvir.

Com uma bolsa de milho congelado em cima de seu olho, Joe golpeou a porta da quarto.

—Sou eu — lhe disse — Se foi.

A porta se abriu de repente e Rocco se lançou a seus braços.

—Estava muito preocupado, quando ouvi todos esses gritos. Ouvia as coisas romper-se e não sabia se devia chamar à polícia ou devia sair e ajudar... — Rocco deixou de falar e enterrou sua cara no peito de Joe.

—Está bem, doçura — lhe disse, enquanto esfregava com sua mão livre as costas do Rocco por cima da bata que tinha posta. Não sabia como infernos ia estar bem, mas sabia que era o que Rocco precisava ouvir. Collin tinha reagido como um louco. Só abriu a porta e um punho o golpeou no olho. Reagindo como qualquer macho faria, Joe lhe correspondeu com um murro na mandíbula de Collin.

Durante todo o tempo que lutaram não pensava que Collin era seu melhor amigo. Só pensava na maneira que esse homem tinha tratado ao homem que amava. As ameaças de chamar à polícia fizeram pouco para dissuadir a cólera do Collin. Não foi até que lhe falou de seu trabalho de treinador e a ameaça de uns antecedentes penais teriam sobre ele que fez que ao final Collin se fosse.

Suaves dedos remontaram pelo lado de sua cara, Joe olhou para baixo aos castanhos olhos do Rocco.

—Me deixe ver — lhe disse.

Tirando a improvisada bolsa de gelo, fez uma careta de dor quando Rocco tocou seu dolorido olho e bochecha.

—Sente como se tivesse algum osso quebrado? Sei que papai é um tipo muito forte.

—Estou bem — lhe sorriu abertamente — Sabia que isto tinha que acontecer. Simplesmente me alegro de que me usasse como um saco de areia porque o teria matado se ele tivesse posto um só dedo sobre ti.

Ainda com a bolsa de gelo na mão permitiu que Rocco levasse-o para trás, à cama. Tirou-lhe primeiro a camiseta atirando-a a um lado. Quando já estavam deitados um nos braços do outro, Rocco tomou improvisada compressa de gelo e a posou novamente em seu olho.

—Seria uma terrível decepção para ti, e só nos abraçássemos esta noite?— perguntou Joe, enquanto passava os dedos através do cabelo do Rocco que caía como um leque sobre seu peito. A resposta do Rocco foi beijar seu pescoço e apertasse mais profundamente contra ele.

—Estou bem.

Por favor não me deixe, pensou. Compreendeu de repente que esse tinha sido desde o começo seu problema. Rocco era tão jovem. Tinha sua vida inteira por diante. Por que ia querer atar-se a um homem mais velho?

Jurou fazer todo o possível para que Rocco não sentisse que se estava perdendo algo na vida por estar com ele. Demônios, ele iria dançar em todos os clubes da cidade se isso for o que Rocco queria. E soube nesse momento, que faria tudo e abandonaria tudo, inclusive a seu melhor amigo, por fazer feliz a seu homem. Beijou ao Rocco na cabeça.

—Eu te amo.

—Sei, mas a pergunta é me amas o suficiente?

Rocco se elevou a descansar contra o travesseiro, lhe acariciando a mandíbula.

—Ah, por que diz isso? Não tem fé em mim? Não sou como seu pai, doçura. A não ser que me diga: “sai da minha vida” não há nada que me possa dizer ou fazer para que te deixe. Nenhum grande esqueleto dentro do armário, nem nenhum conto por muito estranho que seja, nada, absolutamente nada, mudará isso.

—Meu pai tinha razão sabe? Eu estava ali quando Lorne se matou e não fiz nada para detê-lo. Acreditei que ele não o faria. Era simplesmente sua maneira de me obrigar para que o escutasse. Algo a o que me tinha negado fazer durante dois meses.

—Shhh, não temos por que falar agora sobre isto.

—Sim, devemos fazê-lo. Não posso estar sempre dando voltas ao redor disso todo o tempo. Esperando que volte a cair em cima quando menos espero isso. Preciso tirá-lo fora.

—De acordo — deu um beijo no nariz ao Rocco — Escuto.

—Lorne foi meu primeiro e meu único amante, além de ti. Tudo começou quando eu tinha quinze anos e ele foi viver ao nosso lado. Embora fosse jovem, era muito maior que eu. Já te contei no primeiro dia que eu o vi criar uma terrina pela primeira vez. Era tudo o que eu queria fazer na vida, soube nesse momento, só queria criar algo tão bonito. Faria algo por aprender a fazer algo tão belo. Lorne me disse que o preço pelas lições seriam... Os favores, sexuais. Desde essa idade já sabia que era gay, assim estive de acordo. Durante três anos lhe permiti me usar de qualquer maneira que ele queria. Em lugar de odiá-lo como provavelmente devi ter feito, aprendi a amá-lo — Rocco deixou de falar e se levantou para olhar os olhos do Joe — Sinto se isto é duro de ouvir para ti.

—Sobreviverei porque penso que é até mais importante para ti tirá-lo fora. Algo me diz que nunca falaste sobre isto com ninguém.

—Tem razão. Estava envergonhado — Rocco se inclinou para trás e apoiou sua cabeça na curva do pescoço do Joe. Joe suspeitou que fosse para não ter que olhá-lo aos olhos. Depois de respirar profundamente, Rocco continuou.

—Um dia voltei para casa de trabalhar do supermercado e ouvi risadas. Segui os sons até a parte traseira onde estava o quarto de minha mãe. Ao princípio, achei que ela estava com outro dos milhões de noivos que tinha — Rocco elevou a vista para ele — Mamãe sempre tinha um homem, às vezes mais de um, simplesmente digamos, que não era uma mulher muito discreta. Ela dizia que era sua vida e tinha todo o direito para viver a da maneira que quisesse.

—E onde deixava a ti esta situação, abandonava-te? — perguntou Joe.

—Não, não o fez, mas eu não quero falar sobre sua falta de habilidades maternas agora. Assim que eu ouvi que mamãe falava tão alto que a ouvia de fora. E fui dizer se podia baixar a voz para que eu pudesse estudar, mas então ouvi a voz do Lorne. Assustei-me. Eu não podia acreditar que minha mãe havia transado com o Lorne. Eu estava convencido de que ele me amava. Deveria ter entrado sem mais e lhes exigir que me dessem uma explicação. Em troca sentei-me no chão e escutei. Estavam rindo de mim. Lorne falava de coisas e problemas de minha mãe, o que me levou a acreditar que seu assunto era de muito tempo. Ele estava lhe contando todos meus segredos e os dois se estavam burlando de mim. Mamãe disse que ela sempre se envergonhou de mim, por

minha maneira de ser e atuar. Logo disse que alguns de seus noivos perguntaram se eles podiam me ter. Ela tinha negado não porque os amasse mas sim por ciúmes. Lorne riu e lhe agradeceu que lhe tivesse permitido ter a ambos. Isso foi quão último escutei antes de ir para fora de casa. Depois disso me neguei a falar com ambos. Sabia que dentro de pouco iria à universidade e estaria a um inferno de distância deles.

Rocco começou a agitar-se em seus braços. Joe soube que não podia escutar mais sem romper a chorar, envolveu seu corpo ao redor do Rocco e lhe beijou o topo de seu cabelo.

—É bastante, doçura. Podemos falar sobre isto mais adiante.

—Não te falei que dia que Lorne morreu, entretanto. Não precisa sabê-lo?

—Não, agora não. Temos toda uma vida para falar. Eu gostaria de te abraçar e dormir um pouco. Quem sabe o que nos trará amanhã. Assumo que Collin retornará com reforços.

—Não lhe permitirei te ferir de novo — disse Rocco em um áspero tom.

Pensar em que este pequeno homem o defendesse derreteu seu coração.

—Espero não chegar a isso, mas ainda se acontecer merecerá a pena. Tem dezoito anos e legalmente é adulto então ele não pode te dizer o que fazer.

—Sim, mas ele também está me pagando à universidade.

—Nós não necessitamos seu dinheiro para pagar a universidade. Há subvenções as que certamente pode acessar e Demitri disse algo sobre a BK Casa Fundação, oferece bolsas. Qualquer outra coisa, nós resolveremos juntos.

—Possivelmente eu poderia conseguir um trabalho? Já sabe, ajudar para pagar pelo material.

Arrastando-o contra ele, Joe lhe deu um beijo profundamente apaixonado. Quando finalmente rompeu o beijo depois de vários minutos, sorria.

—Seu trabalho será conseguir boas notas e te converter no melhor professor que este povo viu nunca.

—Já me ocorrerá algo. Não posso te permitir pagar por tudo.

—O que te parece isto? Quando eu seja um homem velho e queira me aposentar pode utilizar seu enorme salário de professor para comprar latas de Ensure⁵.

—Ensure?

—Cristo, sou velho. Ensure são vitaminas, um suplemento mineral que as pessoas velhas bebem para estar saudáveis.

—Oh — os olhos do Rocco se aumentaram e sorriu — Suponho que posso fazer isso. Preciso te manter saudável — se deitou contra o peito do Joe — Obrigado por me escutar.

—Obrigado por confiar em mim o bastante para falar comigo — lhe disse quando Rocco bocejou.

Quando a respiração do Rocco se fez uniforme, Joe, passou seus dedos através dos fios sedosos de cabelo negro. Prometeu-se contra vento e maré que nunca abandonaria ao homem tão especial que dormia em seus braços.

CAPÍTULO QUATRO

A manhã seguinte, Joe despertou quando um par de suaves lábios desciam por seu abdômen. Ele enterrou seus dedos no cabelo do Rocco e lhe sorriu olhando-o.

—Que grande modo de despertar.

Enquanto tomava seu tempo empurrando o lençol do corpo do Joe, Rocco se assegurou de fazer uma justa comemoração a cada centímetro de pele que via. Os joelhos de Joe se abriram

⁵ Preparado de vários sabores baunilha, chocolate etc. para pessoas que têm dificuldade para mastigar composto de proteínas, graxas e carboidratos, vamos um preparado para idosos.

naturalmente quando Rocco enterrou sua cara em seu ninho de cachos marrom escuro.

—Que bem que cheira! — disse-lhe Rocco inalando-o.

Um roce em seus testículos o teve estendendo suas coxas mais abertas.

—Sente-se bem — gemeu ele, passando seus dedos no cabelo do Rocco.

Tomando um dos sensíveis globos em sua quente boca, Rocco o chupou. Joe apertou seus dentes e rezou por refrear-se.

—Chupa meu pênis — pediu.

Com uma lambida a seus testículos, Rocco trabalhou sua língua pelo comprido e palpitante eixo do Joe. Assim que a boca do Rocco envolveu seu pênis Joe soube que tinha morrido e ido ao céu. Mas ele era muito mais velho que Rocco e não estava seguro se poderia excitar-se outra vez se gozava. Dando um rápido puxão ao mamilo perfurado do Rocco, disse-lhe:

—Espera, quero estar dentro de ti quando me correr.

Rocco soltou seu pênis com uma pequena explosão e o olhou.

—Proteção?

—Na gaveta.

Quando Rocco agarrou o lubrificante e a camisinha, Joe se ajoelhou aos pés da cama e acariciou o centro. Com um sorriso zombador sobre sua cara, Rocco avançou lentamente na cama e ficou sobre mãos e joelhos.

—Maldição, apesar de estares muito formoso nesta posição. Preciso ver sua cara. Gira — disse Joe percorrendo a dobra do sulco do doce traseiro do Rocco.

Rocco vacilou durante uns segundos, mas deu a volta sobre suas costas. Estendeu suas coxas enquanto tomava seus próprios mamilos erguidos.

Sentindo uma gota pré-seminal correr ao longo de seu pênis, olhou a visão ante ele.

—Perfeito — lhe sussurrou — Que formoso.

Estendeu a mão e tocou o diminuto aro de prata colocado em um flanco da base do pênis do Rocco. Tocou a turquesa com o dedo e se surpreendeu quando o eixo do Rocco saltou. Ele nunca pensou que um piercing nas genitálias fosse formoso, mas no Rocco era mais quente que o inferno.

Inclinando-se, passou a língua pelo aro de prata e lhe deu um pequeno puxão. Os quadris do Rocco se elevaram da cama enquanto puxava o cabelo do Joe. Ele abrigou seus lábios ao redor à base do pênis do Rocco e deslizou-se para cima até tomar a cabeça em sua boca. O gosto explosivo do pré-sêmen deslizou em sua boca durante todo esse percorrido como um vinho fino. A essência do Rocco era definitivamente digna de ser desfrutada, saboreada.

Sem parar seus cuidados lhe ofereceu sua palma para a garrafa de lubrificante e a camisinha. Levou vários momentos ao Rocco para encontrá-los outra vez antes de entregar-lhe. Lubrificando seus dedos, apertou um contra a pele franzida do traseiro de seu amante.

—Tão, tão bom — assobiou Rocco enquanto estendeu suas pernas mais amplas.

Com a introdução de outro dedo, ele sentiu o corpo do Rocco apertar-se sob suas mãos.

—Corro-me — disse Rocco empurrando-se entre a boca do Joe e sua mão.

Ele sabia que se arriscava, mas a última coisa que queria era correr-se. Em troca chupou o comprido e magro pênis até que suas bochechas se cavaram e sentiu o jato da semente detrás de sua garganta. Tornando-se para trás tudo o que pôde, manteve o jorro de sêmen em sua língua tanto como pôde, saboreando cada gota. Depois de havê-lo chupado até limpá-lo, limpou seus dedos no lençol e pôs uma importante quantidade de lubrificante em seu eixo.

—Preparado para mim? — perguntou-lhe.

—Há meses — sorriu abertamente Rocco, abrindo um olho verde escuro.

Se Joe alguma vez tivesse uma dúvida de que Rocco desfrutava dele, a cor daquele olho lhe dando uma olhada esclareceria tudo. Ele enganchou seus antebraços sob os joelhos do Rocco estendendo-o mais que pôde enquanto se empurrava devagar dentro dele. Uma vez que alcançou uma certa profundidade, o corpo do Rocco pareceu tomá-lo profundamente até seu testículos.

—Maldição, meu pênis foi feito para estar dentro de ti — gemeu.

—Já lhe disse isso.

Ele olhou ao Rocco e começou a rir em silêncio.

—Não me distraia, isto demanda cada centímetro por minha concentração.

Só tinha que contemplar a expressão de prazer na cara de Rocco. Em troca, o que chamou sua atenção foi seu pênis desaparecendo e aparecendo enquanto bombeava no buraco do Rocco. Deus, seu homem era tão formoso, e seu pênis se via condenadamente bem, ali era o lugar onde tinha que estar.

Moveu ao Rocco a um ângulo diferente procurando que ele visse o que ele via, sim ali estava, Joe sabia que tinha roçado a glândula do Rocco quando ele gritou.

—Assim?

—Mais duro — gemia Rocco, sacudindo sua cabeça para frente e para trás sobre o travesseiro. Seu cabelo negro era uma massa de enredada seda enquanto Joe se chocava com seu pênis no corpo do Rocco com tanta força e rapidez como era capaz.

—Sim, sim, sim... — gritou Rocco enquanto seu corpo começava a tremer. Obrigado a Deus pelos jovens que podem rejuvenescer em tão breve tempo. Quando o clímax do Rocco chegou, apertou com força os músculos ao redor do pênis do Joe. Dando um impulso final, ele se enterrou até os testículos profundamente e se correu enquanto beijava a seu homem.

—Por favor me dê à possibilidade de acostumar-se a isto — sussurrou. Não estava seguro se dirigia ao Rocco ou a Deus.

Tudo o que sabia era que esperava que isto durasse mais tempo de que tinha esperado antes que Rocco compreendesse que podia ter algo melhor que um psiquiatra de meia idade, aborrecido, mas agora aqui, tinha ao Rocco e jurou desfrutar da cada segundo com ele. Depois de eliminar a camisinha, Joe pegou Rocco em seus braços. A cabeça do pequeno homem se meteu em seu peito, sentia-se bem e deixou esse sentimento fluir.

Depois do café da manhã, Joe colocou ao Rocco em seu regaço.

—Obrigado por cozinhar. Normalmente não consigo uma boa comida em casa.

Rindo, Rocco se apoiou nele e o beijou.

—Cozinhei sempre, e não me envergonha dizê-lo, mas sou bastante bom nisso — lhe sussurrou, seus lábios sobre o olho inchado do Joe. Via-se pior do que estava, mas os beijos foram agradecidos avisos.

Joe acomodou ao Rocco até que o teve sentado escarranchado sobre seu regaço.

—Adivinho que isso significa que temos que fazer uma viagem ao supermercado — passou suas mãos sobre o Rocco, por suas costas para aterrissar sobre seu doce traseiro — me diga o que mais você gostaria de fazer hoje? Retorcendo-se em seu regaço, Rocco sorriu abertamente.

—Um, posso pensar algumas coisas — lhe disse enquanto seus olhos trocavam de marrom a um variado matiz de verde.

O botão superior do Rocco cedeu o passo sob seus dedos enquanto ele deslizou uma mão detrás de seu jeans. Joe tinha perguntado se Rocco se sentiria dolorido depois de sua brincadeira mais cedo, mas em troca, ele encontrou o buraco do Rocco ainda maravilhosamente estirado e impaciente por sua atenção.

—Mmm — gemeu e mordeu o pescoço de seu amante.

—Faz amor comigo.

—Não tem nada que eu gostaria mais... — sua oração foi interrompido pelo telefone que soou. Tanto ele como Rocco se olharam um ao outro — Deveria atendê-lo?

—Não sei, mas se for papai não se renderá.

Com um gemido profundo, ele levantou Rocco de seu regaço e andou até o telefone da parede da cozinha.

—Olá!?

—Oi! — disse Justin

Exalando um suspiro de alívio, ele sorriu ao Rocco para lhe deixar conhecer que não era Collin.

—Oi! Justin.

—Pensei que talvez aos dois gostasse de nos acompanhar a ver a Super Cup⁶, Luc e eu decidimos fazer uma reunião improvisada.

—Não sei. Collin vai estar ali? — perguntou-lhe, abrindo os braços para Rocco, quando seu homem se abrigou sobre seu peito ele beijou o topo de sua cabeça.

—Bom, convidamo-lo, mas disse que não queria estar perto de nós no dia de hoje. Francamente, não sabia como tomar isso, acredito que está muito bravo contigo pelo que lhe disse do Rocco ontem à noite. Mas o que temos que ver o resto de nós?

Ele não sabia que lhe dizer a seu amigo. Sim, Collin tinha razão estava muito zangado com ele, mas Justin, tinham sido realmente muito bons amigos.

—Talvez ele só necessita o tempo para curar os machucados com tudo o que passou.

—Talvez. Já que ele não vai estar aqui, que dizem?

—Os outros sabem sobre o Rocco e eu?

—Não se preocupe, estamos muito felizes por ti. Só me diga se virá.

—Espera um minuto, perguntarei ao Rocco — levou o telefone até sua coxa tampando-o — Justin quer saber se nós gostaríamos de ver com eles a partida da Super Cup.

—Poderei me sentar sobre ti e te beijar se tiver vontades nos anúncios? — perguntou-lhe Rocco, movendo suas largas pestanas.

—Com certeza. Não acredito que sejamos os únicos dando beijos.

—Bem então vamos. Lhe pergunte se tiver que levar algo.

—Levar?

Pôs o telefone em seu ouvido, e abraçou ao Rocco.

—Deveríamos levar algo?

—Só vocês. Luc esteve na cozinha toda a manhã fazendo coisas e já sabemos que Aaron trará uma bandeja de sobremesas.

—Quanto à cerveja? — perguntou, olhando para baixo quando ele sentiu Rocco ficar tenso. Ele assumiu que era porque ele não podia beber ainda e teve medo que se sentisse deixado fora, então o acalmou com outro beijo.

—A cerveja sempre é bem-vinda, já sabe — riu Justin — Os veremos?

—Estaremos aí — pendurou o telefone e levou Rocco para o dormitório — Não temos que estar ali até dentro de duas horas. Muito tempo para uma preguiçosa manhã na cama.

— Eu gosto do modo em que pensa.

Estacionando no caminho de entrada da casa do Justin e Luc, Rocco limpou suas mãos suarentas sobre seu jeans.

—Estou nervoso — admitiu.

Com uma mão em sua nuca, Joe puxou ao Rocco para ele e não colocou sua língua nos lábios do Rocco até que ele a abriu. O beijo foi profundo e apaixonado, mas de todos os modos muito curto por que Rocco seguiu preocupado.

Joe se retirou para trás a um lado do pequeno carro.

—Eles são nossos amigos. Não teremos nenhum problema com eles.

—Mas eles são os amigos de meu pai, também — começou a esticar um dos buracos de seu jeans descoloridos, acima em sua coxa. Olhou para baixo e pôde ver o bolso da calça caindo. É tempo de conseguir um trabalho e comprar um pouco de roupa nova, pensou. Joe não queria ser visto com um garoto que vestia sempre o mesmo. Rocco roubou uma olhada a seu homem.

⁶ O último jogo de futebol americano, esse onde se proclama ao campeão, é toda uma festa nos EUA.

Inclusive em um preguiçoso domingo com amigos, ele se via quente. Vestido com um par do Levi's negros e um pulôver com pescoço de tartaruga cor cinza, Joe mostrava estilo em cada polegada dela. Ele suspirou e escavou em seu bolso um pouco mais, sem querer obteve um buraco algo maior.

—Está tentando me tentar com isto? — perguntou-lhe Joe, olhando com lascívia sua pele bronzeada através do buraco.

Rocco compreendeu o que ele fazia e cruzou seus braços.

—Não. Isto é um hábito nervoso que tenho. É por isso que todos meu jeans se vêem iguais — contemplou seu aspecto uma vez mais antes de girar para olhar ao Joe — Sinto que estou vestido como um menino. Conseguirei um trabalho de jornada reduzida e conseguirei roupa nova.

—Não peça perdão por sua roupa, doçura. Deixa de pensar, os jeans rasgados são atrativos como o inferno sobre ti. Além disso, logo será seu aniversário. Quem sabe, talvez à fada madrinha te traga jeans novos — Joe lhe piscou os olhos enquanto apertava a mão sobre sua coxa — Entremos, faz frio aqui.

Saindo do carro, ele se surpreendeu quando Joe tomou sua mão ao entrar na casa.

—Só recorda isto — Joe lhe deu mais um beijo antes de entrar — Tock Tock — disse Joe, enquanto entrava.

—Ah, passem — respondeu Alec. Rocco não pôde deixar de notar que Max estava acurrucado ao redor dele. Ele estava sentado no regaço do Alec mesmo havendo muitos lugares onde sentar-se e bastante espaço ao lado do amplo sofá que estava. Alec lançou um dobro assobio quando viu o olho do Joe.

—Que agradável cor. Collin fez isso?

—Quem mais poderia? — resmungou Joe.

—Bem o resto de nós está feliz por ti e se eu não tivesse o regaço cheio com meu bebê, levantaria e os abraçaria.

—Obrigado, tenho o pressentimento de que vamos necessitar todo o apoio que possamos conseguir.

Depois de tirar o casaco, Joe sustentou o pacote que havia trazido, olhou ao Rocco e lhe disse:

—Vou pôr isto no refrigerador. Por que não escolhe um lugar, eu volto em um segundo?

Rocco cabeceou enquanto Joe caminhava para a cozinha. Inteirou-se que Justin e Luc na cozinha comentaram sobre o olho do Joe. Bem. Ele se perguntou se os amigos do Joe o culpariam pela briga. Caminhando para o sofá notou que também tinha uma buraco em sua meia três - quartos. Ah grande, pensou, agora realmente pareço um menino.

Alec percebeu o que olhava e logo notou o embaraçoso rubor que cobriu suas bochechas, assim procurou algo para fazê-lo sentir a vontade.

—Você e Demitri — riu sacudindo sua cabeça — Não acredito que meu irmão possua algum par de meias três - quartos sem buracos. Não se preocupe, estou acostumado.

Ele sorriu abertamente ao Alec e Max, e se sentou na esquina do profundo sofá.

—Como andam suas classes? — perguntou-lhe Max.

—Bem até agora. Odeio os requeridos certamente, mas as classes de arte que tomo são imponentes. Conhece professor Willis?

Alec cabeceou.

—Conheci-o — lhe disse um pouco incômodo — É um bom professor?

—O melhor — Rocco sentiu todo seu corpo sentir-se vivo. Ele podia conversar sobre cerâmica todo o dia e não cansar-se disso.

—Pelo que Joe e Demitri me dizem, és muito talentoso. Me surpreende que um professor possa te ensinar algo.

—Como conhece Demitri meu trabalho?

—Ele viu o tigela em meu escritório — lhe disse Joe, entrando o quarto — Até tentou comprar.

—Wow — lhe respondeu enquanto Joe se sentava e passava seu braço ao redor dele.

—Te disse isso antes. Se quer fazer um pouco de dinheiro extra, só vende alguns de seus trabalhos. Todos os pacientes que tenho vivem me perguntando onde comprá-los. Demônios, por que não fazemos alguma demonstração de seu trabalho em meu escritório? Eu ficaria feliz de vender alguns para ti.

Rocco se sentiu seguro ao lado de Joe ao final do sofá.

—Falarei com o Daniel, uh, o professor Willis e verei o que ele diz.

Ele não omitiu o olhar que Alec deu ao Joe. Enquanto se perguntava o que passava, a porta se abriu e entrou Koby pisando forte com suas botas cheias de neve e Julian.

—Olá — todos gesticularam uma saudação.

—Wow, Collin realmente te deu um bom — disse Julian assinalando o olho do Joe.

—Pensei que você recolheria ao Demitri e Aaron no trajeto — disse Luc, entrando na sala de estar.

Julian sacudiu sua cabeça.

—Está tratando uns assuntos mas assim que se desocupem o trarei.

Luc estreitou seus olhos. Rocco podia notar que estava preocupado.

—Que tipo de problemas?

Com suas mãos levantadas em um gesto de rendição, Julian sorriu em silêncio.

—Ele tem problemas com os Diretores do Conselho da Universidade. Eles não parecem pensar que uma jornada sobre Diversidade no Programa de Tolerância seja necessária no NCIU. Acredito que Demitri advoga seu caso.

—Isso é de loucos — respondeu Rocco, apertando seus punhos. Seu tom foi tão duro que naturalmente todas as cabeças giraram para olhá-lo. Sentiu que ficava avermelhado, e se encolheu — Embora estive sozinho um par de semanas no campus posso lhes dizer algo: estão iniciando-se alguns problemas.

Joe o rodeou com seus fortes braços.

—Alguém te esteve incomodando?

Ah, ah olhe a seu homem, ficando protetor.

—Não, não realmente me incomodam, só me olham todo o tempo. Só olhadas, isso é tudo. Pareço conseguir muitos olhares.

Todos menos ele e Joe começaram a rir. Com fogo em seus olhos, Joe olhou ao redor do quarto a seus amigos.

—Que é tão malditamente gracioso?

Finalmente, foi Julian quem lhe respondeu.

—Olha-o, Joe. Me diga se alguma vez viu a um ser humano mais perfeito. Nos perdoe Rocco, mas não tem nenhuma só idéia do efeito que causa nos outros. Todos eles lhe olham porque todos vêem o mesmo que nós.

Em uma fração de segundo, Joe o tinha levantado em seu regaço. Tinha-o abraçado e beijava seu pescoço.

—Deixem de olhar — disse Joe — Ele é o meu e não o compartilho.

Luc, que estava chegando se aproximou do grupo e se sentou no sofá.

—Não acredito que nenhum de nós tenha planos com o Rocco, mas tem que admitir que ele seja atordoante. Isso é tudo o que Julian tentava dizer.

—E é melhor que isso seja tudo o que Julian tentava dizer — disse Koby abraçando ao Julian.

Rocco olhou ao redor do quarto. Esta gente era séria. Pensou em quão olhadas tinha estado conseguindo ultimamente. Um pouco delas, concedeu, poderiam ter sido olhadas apreciativas, mas ele sabia quando um olhar lascivo percorria lentamente sua pele...

—Ei, o que está mau? — perguntou Joe, olhando-o preocupado.

—Nada — a última coisa que queria era seguir chamando a atenção — Vou ao banheiro — disse

saindo do regaço do Joe. Ele só tinha que escapar alguns minutos. Depois de fechar a porta de quarto de banho, deslizou-se ao piso. Conhecia melhor que ninguém do que falava. Inferno, sua própria mãe nunca lhe acreditou quando lhe disse como o olhavam seus noivos. Bem talvez acreditasse, mas isso só fez as coisas piores em sua casa.

Sua mente começou a vagar para trás aos anos em que tratava aos homens de sua mãe. Com um estremecimento físico, ficou de pé. Examinando o espelho, sacudiu sua cabeça. Abriu a água fria, e salpicou sua cara.

—Vamos Rocco, termina com isso. Só passa um bom dia com Joe e seus amigos.

Enquanto fechava a água tomou vários fôlegos profundos. Este era o primeiro dia que ele e Joe eram casal e a última coisa que devia fazer era arruiná-lo com suas preocupações.

CAPÍTULO CINCO

—Vais olhar o dia todo ou vais comer algo — Demitri perguntou no meio da manhã.

Joe olhou da cara dormida do Rocco a do Demitri.

—É bastante penoso mas acredito que poderia olhá-lo todo o dia sem sentir meu estômago.

Ele o olhou inclinando-se para trás e suspirou. Deus, só olhar essas pestanas... Incapaz de controlar-se mais, Joe se inclinou e beijou os doces lábios do Rocco separados.

Despertando, Rocco começou a beijá-lo enquanto abria devagar seus olhos. O sabor da paixão do Rocco pôs a seu pênis duro debaixo de seu jeans. Joe rapidamente jogou uma olhada ao redor do quarto. Vários de seus amigos sorriam abertamente enquanto o resto fingiu não estar comprometido no espetáculo de meia manhã. Com um gemido suave, ele rompeu o beijo e se retirou.

—Preparado para conseguir algo para comer?

Os olhos do Rocco o olharam peraltas enquanto lambeu seus lábios. Joe ouviu um gemido mais à frente do quarto e girou bem a tempo para ver o Max dar uma cotovelada ao Alec no estômago, pego com a guarda baixa, Alec soltou um "ai" antes de girar-se e beijar a seu homem. Joe estreitou seus olhos sobre o Alec. Conhecia seu amigo e nem sequer sabia se tinha sido ele quem tinha gemido, mas de só pensar nele em contato com a língua do Rocco...

—Está preparado? — perguntou Rocco, interrompendo seus pensamentos.

—Sim — lhe disse, decidindo deixar vivo o Alex. Rocco se elevou do regaço do Joe e o tirou do sofá.

—Não posso acreditar que me tenham deixado dormir assim — lhe dizia Rocco enquanto se dirigiam para a cozinha.

Joe passou sua mão sobre as costas baixa do Rocco.

—Acredito que se alguém pôde dormir com tantas ovações que houveram, deve havê-lo necessitado. Além disso, desfrutei te olhando.

Depois de fazer-se ele mesmo dois sanduiches e uma tigela grande de nachos, Joe agarrou uma cerveja do refrigerador.

—Quer uma coca?

—Sim, por favor — respondeu Rocco.

Joe olhou o prato do Rocco e sacudiu sua cabeça.

—Acreditei que disse que tinha fome. Não tem suficiente alimento aí para encher a um menino.

O prato do Rocco consistiu em umas cenouras com um aipo e um meio sanduiche.

Encolhendo-se de ombros, Rocco recolheu seu prato.

—Isto é o que geralmente como. Só pensa em todo o dinheiro de supermercado que vais economizar.

—Estou mais preocupado por gastar um pouco mais no maldito supermercado. Quando foi a última vez que fez exames médicos?

—Antes que me matriculasse, papai... — Rocco parou e fechou seus olhos brevemente — Papai me obrigou a ir.

—E o doutor não disse nada sobre seu peso?

Joe olhou como as costas do Rocco se endireitava. Seu queixo se levantou enquanto seus olhos encontravam ao Joe.

—Meu pai fez que o doutor tomasse cada prova de sangue imaginável. Claramente ele também pensava que devia haver uma razão pela que sou tão pequeno e débil. Acredito que na realidade se decepcionou quando averiguamos que estou perfeitamente são, só sou pequeno.

Pondo seu prato e cerveja abaixo, Joe pôs seus braços ao redor do Rocco.

—Amo-te seja qual seja sua talha. Só me preocupo.

Ele deu ao Rocco um beijo breve mas apaixonado, escorregando dentro para roubar seu gosto.

—Tem que te manter são, assim poderá cuidar de mim quando for um velho fraco — Ihe sorriu abertamente. Rocco o abraçou com força.

—Cuidarei de ti seja jovem e doente.

—Ah, você dois, apaixonados, estão-se perdendo o início do terceiro tempo — gritou Justin da sala de estar.

Sorrindo, Joe sacudiu sua cabeça.

—Imagino que será melhor que vamos antes que enviem uma partida de busca.

Cabeceando, Rocco recolheu seu prato e o seguiu enquanto saía da cozinha. Sentando em seu lugar sobre o sofá, tentou pensar em como comer e sustentar ao Rocco ao mesmo tempo. Terminou sorrindo abertamente, Rocco se sentou no chão ao final da mesinha do centro. E deixou seu prato.

Enquanto Joe comia, olhava a todos seus amigos no quarto. Tudo pareciam tão compenetrados com suas relações. Todos estavam enroscados entre eles enquanto olhavam e aclamavam. Justin e Luc, estavam juntos fazia muito tempo. Ainda agora, não podiam estar perto um do outro sem tocar-se.

Joe olhou onde se sentaram. Justin descansava sobre uma plataforma de travesseiros de um intenso colorido com as costas sobre a parede e Luc estava recostado comodamente entre suas pernas com sua cabeça no regaço do Justin.

—Joe — sussurrou Rocco, elevando sua vista para ele — Está tudo bem?

Com uma risada e uma cabeceada, Joe se moveu para baixo para roçar com seus nódulos a suave bochecha do Rocco.

—Tudo está fantástico.

Terminou de comer e olhou como Rocco seguiu mordiscando durante os seguintes vinte minutos. Quando Rocco ficou de pé, estirou sua mão pedindo o prato do Joe, e este lhe sorriu.

—Posso te trazer algo agora que vou à cozinha?

—Pode me trazer outra cerveja — Ihe disse enquanto dava uma piscada ao Rocco.

Rocco vacilou um segundo antes de cabecear desaparecendo em a cozinha.

Assim que o fez, Justin o olhou.

—Como vai?

—Parece estar bem. Embora ainda estou perguntando isso. Espero ter a possibilidade esta semana para falar com o Collin. Talvez ele só necessita alguma tomografia. Espero que ajude. Ainda se Collin e eu seguimos sendo amigos não é tão importante quanto Rocco tenha a seu pai de volta...

Deteve-se quando se ouviu da cozinha um ruidoso golpe. Joe se levantou e em um segundo estava seguindo o ruído, seguido muito de perto pelo Luc. Quando entraram viram que Rocco se inclinava sobre algo no piso.

—Está bem? — Joe perguntou aproximando-se detrás dele.

A cabeça do Rocco olhou a seus redor e seus olhos se abriram amplamente.

—Lamento-o, Luc. Eu tentava ajudar limpando, mas deixei cair o copo e se quebrou.

—Está bem, temos muitos — disse Luc entrando na despensa buscando a vassoura e a pá de lixo para levantar os restos.

—Rocco! — gritou Joe — O que te tem feito? — Rocco estava sangrando assim o agarrou e o levou para a pia — Por que não disse nada? — começou a lavar a mão ferida do Rocco, pondo-a sob a água fresca.

—Não é uma ferida grande, já a vi, é só um pequeno corte — Rocco tentou retirar sua mão para trás, mas Joe a agarrou com firmeza.

—Com tudo o que faz com estas mãos, é uma ferida grande.

Luc lhe passou algumas toalhas de papel e ele secou a ferida. Inspeccionou o corte e decidiu que estava suficientemente limpa, mas se perguntou se deveria levar Rocco a Emergências, pela dúvida.

—Estou bem — acentuou Rocco outra vez. Ao parecer exasperado com seus mímicos girou para o Luc — Tem uma atadura ou algo com o que possa envolvê-lo? Assim o Senhor Protetor se calma.

Com um sorriso zombador, Luc cabeceou.

—No quarto de banho. Eu trarei. — depois de que ele partiu, Rocco o olhou.

—Não pode me tratar como a um bebê diante de seus amigos.

Ele fazia isso? Bem, então talvez o corte não estava tão mal como lhe tinha parecido, mas tinha sido o choque de ver o sangue do Rocco que tinha disparado seu modo protetor. Ele mordeu seus lábios, e se encolheu de ombros.

—Não pensei que te faria sentir mal é só que és o mundo para mim.

Rocco acariciando sua bochecha com sua mão boa.

—E você para mim significa tudo, mas deixa de preocupar-se, estou bem.

—Sim, te ouvi.

Ele sabia que soava como um menino decepcionado, mas ele tinha esperado toda uma vida para encontrar alguém a quem amar e cuidar.

—Ainda posso me sentar contigo? Isto trouxe uma risada a sua cara.

—Tenta te sentar em outro lugar além de comigo — brincou.

Depois do jogo, Rocco rechaçou partir até que ajudou Luc e Max a limpar a cozinha. Finalmente depois de um tempo se puseram de acordo quando Rocco lhe prometeu que não molharia sua atadura.

Agora, sentando sobre o sofá olhando o espetáculo depois da partida, Joe não podia esperar para chegar a casa. Como o tinha feito sentado ali com o passar do dia. De repente se deu volta para o Alec.

—Ah, que foi esse olhar que me deu quando Rocco falava do professor Willis?

—Olhei-te? — Alec perguntou, via-se confuso.

—Sim, o que sabe sobre o tipo?

—Muito e nada. Ele é um suplente. Conheço-o do Secrets, o clube que estava acostumado a frequentar.

Alec viu vir a seguinte pergunta por que o respondeu em seguida.

— Sim, joguei com ele.

—É alguém de quem eu deveria me preocupar?

—É um tipo de aparência agradável, mas não. Daniel é um Sub⁷ portanto a não ser que Rocco seja um Dom⁸, está perfeitamente a salvo.

—Bem, não considere quem é Dominante ou Submisso em nossa relação, mas não vejo o Rocco

⁷ Submisso.

⁸ Dominante.

me carregando até o dormitório.

Alec se encolheu de ombros

—Só não mencione nada disto perto do Max. Ele não quer saber sobre os Submissos com que transei.

A declaração embotada sacudiu ao Joe um pouco, mas este era Alec. Era um tipo muito franco.

—Não vou mencionar a ninguém nem sequer ao Rocco — o que não disse é que não diria ao Rocco para não lhe dar idéias sobre o professor, não pensava que Rocco estivesse interessado, mas não estava mal cobrir as bases.

—Está preparado? — perguntou Max ao Alec quando entrou no quarto seguido do Rocco.

—Terminaram tudo? — perguntou Alec.

—Bem, não exatamente, Justin estava fazendo a meu pai coisas com os orifícios nasais assim Rocco e eu decidimos nos evaporar.

—Orifícios nasais? — Joe olhou do Rocco ao Max.

—Quando Justin está quente, faz essa rotina com seus orifícios nasais. Não pergunte é muito horripilante para que fale sobre isso.

Rindo, Joe ficou de pé e ofereceu sua mão ao Rocco.

—Vamos sair daqui antes que tenhamos que ouvir a chamada selvagem.

—É. Assim é como fala meu pai — disse Max com um estremecimento visível.

Os quatro rapidamente colocaram suas botas e casacos e silenciosamente abandonaram a casa. Saudando a seus amigos subiram no automóvel. Joe se deteve em frente à entrada de sua casa. Começou a procurar a mão do Rocco e se deteve, escolhendo tocar sua coxa.

—Como está a mão? — perguntou-lhe, encontrando a pele nua através de um dos buracos nos jeans do Rocco.

—Está bem — disse Rocco, alargando-se para desabotoar as calças do Joe — Estive morrendo toda à tarde por te tocar.

Joe acomodou as mãos vagabundas de Rocco enquanto estendia suas coxas. Solto um assobio quando a mão do Rocco rodeou abrigando seu dolorido pênis.

—Sente-se bem, doçura.

Inclinando-se sobre o console do automóvel, Rocco sorriu abertamente.

—Bem então isto deveria sentir-se ainda melhor — Rocco cobriu a chorosa cabeça de sua ereção com sua boca.

—Oh, oh, sim —disse Joe enquanto parava o automóvel. Rapidamente jogou uma olhada aos arredores para assegurar-se de que não havia nenhum vizinho. As ruas não só estavam abandonadas, mas também escuras. Correndo seu assento para trás, Joe fechou os olhos e desfrutou de sentir a boca do Rocco que se balançava sobre seu eixo. Ele se estirou a seu lado e passou sua mão sobre o doce traseiro de seu homem.

Com sua mão livre, Rocco desabotoou seu jeans para dar a Joe um melhor acesso. Ele gemeu, Joe passou seu dedo entre os globos gêmeos do Rocco. Deteve-se quando sentiu o dilatador.

—OH merda, tiveste-o posto todo o dia? —perguntou-lhe, lhe dando à tomada uma palmada.

—Mmm, hum! — respondeu Rocco, sem afastar o Joe de sua boca.

Joe, deslizou a tomada para trás e logo o retornou de repente. O prazer foi evidente no Rocco que uivou sobre seu pênis. Sugando-o tanto como podia, Rocco trabalhava na vara de Joe como um profissional.

—Corro-me! — grunhiu Joe.

Rocco retomou o mesmo ritmo que Joe seguia com o dilatador. Foi o primeiro em correr-se, disparando sua semente na boca do Rocco, enquanto sentia seu traseiro apertar-se enquanto Rocco se corria.

—Que bom! — sussurrou na escuridão.

Rocco limpou seu pênis antes de empurrar sua língua na disposta boca do Joe.

- Amo-te.
- Amo-te, doçura — declarou afastando o cabelo do Rocco de sua cara.
- Vamos nos deitar.

CAPÍTULO SEIS

Vários dias mais tarde, depois da sessão de orientação semanal do Julian, ficaram como sempre um momento mais para conversar.

—Então Justin tentou falar com Collin ontem? —perguntou Joe com cuidado procurando um pouco de informação.

—Demônios, isso não foi uma discussão, eram gritos endemoninhados. Nunca o ouvi assim. O que o fez pior foi provavelmente, que um quarto da equipe de futebol estivesse treinando no ginásio.

—Assim que todos os jogadores conseguiram ouvir o que acontecia entre o Rocco e eu. Ele suspirou e esfregou seus olhos.

—Cada vez que tentei chamá-lo me diz que isto é assunto dele e ignora.

—É lamentável. Homem, entendo que não possa lhe dizer algo, mas não tenho a menor idéia por que reage desta maneira.

Julian ficou de pé.

—Você gostaria de sair para jantar só os quatro?

—Obrigado pela oferta, e se não te molesta uma terceira pessoa, eu gostaria de me unir a vocês, já que Rocco estará até tarde na universidade aprendendo uma técnica nova sobre vidros ou algo assim. Esta esperando poder usá-la nos potes que quer vender.

—Está ficando contigo? — Julian se colocou seu casaco.

Joe se sentiu ruborizar.

—Sim, não havia compreendido o quanto necessitava dele comigo. Agora me sinto mais... Completo. Pode entender o que quero dizer?

Julian o bateu nas costas enquanto caminhavam para a porta.

—Sei. Sei exatamente do que fala — Julian assinalou seu automóvel.

—Fiquei de encontrar com o Koby no McGilley. Quer me seguir?

—É obvio, vejo-os ali — Joe dirigiu até o botequim irlandês com uma só coisa em sua cabeça: Rocco. Nunca se havia sentido mais preocupado e sexualmente excitado por um amante. Nunca tão atordoado. Rocco, como a qualquer outro jovem de dezoito anos adorava experimentar e nunca parecia ter o bastante.

Joe riu em silêncio. Ele mesmo ultimamente parecia de dezoito anos. Envergonhar-se da quantidade de sexo que tinham estado fazendo nos últimos dias, e ainda quando poderia, não tinha a intenção de parar. Esta idéia o fez sorrir abertamente. Só de pensar em Rocco ficava duro como uma rocha em qualquer momento. Maldição, não acreditava que pudesse entrar em restaurante assim. Rapidamente moveu suas engrenagens mentais e pensou no Collin e sua incapacidade para perdoar seu filho por ser gay. Sim. Isso o fez. Joe olhou para baixo e viu desinflar-se seu pênis.

—Isto sempre funciona.

Guardando em seu lugar seus materiais, Rocco deu a volta para o professor Willis.

—Então acredita que já tenho um domínio suficiente das técnicas para que tente sozinho? A propósito realmente aprecio que ficou para me ensinar isso.

Daniel se aproximou e se apoiou contra a mesa de trabalho de Rocco.

—Nunca vi um estudante mais rápido. Você tem um talento muito maior que o meu. Estou contente de que haja algo que possa te ensinar.

Limpando suas mãos, Rocco sentiu que ficava vermelho com o elogio.

—Obrigado, só quero que saiba que intento conseguir algum dinheiro para meus gastos.

—Deveria juntar algo de material, tenho um amigo que poderia olhá-lo. Ele tem uma galeria de Arte em Seattle.

—Na verdade, acredita que sou bom o bastante? — perguntou-lhe Rocco, enquanto colocava seu casaco.

Daniel riu e acariciou a bochecha do Rocco. O gesto não poderia dizer-se que fora sexual só amistoso.

—Tem mais talento natural do que alguma vez tivesse visto. Sei que quer ser professor e dar aulas mas acredito que deveria deixar essa profissão para gente como eu. Eu gosto da arte. É minha paixão mas não sou o suficientemente bom para fazer disso uma profissão. Você é. Não o desperdice.

Rocco pensou no que Daniel dizia.

—Então aplica o refrão “Os que podem fazer e os que não, ensinam”.

Daniel cabeceou.

—Parece duro, mas é a verdade.

—Discutirei com o Joe e verei o que ele diz.

—É obvio, ouvi que vivia com o Doutor Pressman agora.

—Onde o ouviu? — as costas do Rocco ficaram rígidas. Sabia que Joe não gostaria que todo o campus soubesse sobre seus assuntos.

—Uma conversa, um rumor, ou como quer chamá-lo. Ouvi por acaso o bate-papo de uns estudantes. Por isso entendo seu pai não é muito feliz.

Antes que Rocco lhe respondesse, Daniel sustentou suas mãos.

—Lamento-o, não sei por que fiz isso, não é meu assunto e deveria fazer algo melhor que escutar as pessoas.

—Está bem — Rocco girou para a porta — O rumor é certo. Joe e eu estamos apaixonados há certo tempo, mas meu pai descobriu neste último fim de semana e não aceitou nada bem. Sei que não há maldade no que há dito.

—Obrigado — disse Daniel ao Rocco quando abriu a porta. Com um ondeio final, Rocco se dirigiu a sua casa.

Surpreendeu-se de encontrar o edifício tão escuro quando saiu. Uma das duas luminárias da rua não pareciam funcionar. Subiu o pescoço do casaco e caminhou para a parada do ônibus. Sabia que Joe se zangaria com ele por não pedir que o buscasse, mas se conhecia seu amante provavelmente roncava sobre o sofá com um livro em sua mão. Além disso, era uma noite bastante agradável de final de janeiro. O que o golpeou por trás o enviou ao chão. Alguém pôs uma capa de travesseiro sobre sua cabeça enquanto vários braços o dominaram.

Ele gritou.

—Escuta, viado. Somos amigos de seu Papai. E vamos ensinar te uma lição. Maldita bicha.

A voz não era conhecida, mas definitivamente era jovem. Um jogador. Lutou por liberar-se mas não obteve nada. Os moços lhe deram a volta e começaram a chutá-lo e golpeando o de um lado ao outro de sua cara.

O aroma dentro da capa de travesseiro era sufocante, lhe fazendo difícil respirar. Pinheiros? O ar de seus pulmões saiu quando uma patada fechada o golpeou de flanco. Tentou mover-se buscando desviar os golpes mas não pôde ajudar-se. Ele não podia dizer de onde vinham. Primeiro de sua direita e logo depois de sua esquerda. Quantos havia? Um punho iniciou um ritmo estável de golpes, a sua cabeça e cara. Cada um enviando golpes de dor por seu sistema. Era muito. Tudo machucava, os golpes, as patadas que chegavam depois. Uma selvagem patada o deixou sem ar, respirar se fez muito difícil.

Morreria. Estava morrendo. Antes tinha sido golpeado, mas jamais desta forma. Começou a perguntar-se se sobreviveria. Nunca voltaria a ver o Joe se não fazia algo para lutar contra os

pesados braços que o sustentavam. Rocco não entrou em pânico, fez o que sempre fazia em situações como esta, começou a retirar-se. Quando sentiu as mãos na cremalheira, e logo lhe tiraram os jeans já estava longe, à deriva olhando a cena. Por cima das nuvens. Nem sequer foi consciente quando os homens partiram. O único que sabia era que a dor continuava.

—Rocco! Rocco, pode me ouvir?

Pelas risadas da história que Koby contava, Joe quase não sentiu o celular chamando. Moveu-se para trás e tirou com um dedo o telefone da cintura. Quando viu o identificador, notou que era Alec.

—Olá?

—Merda, muito obrigado a Deus que te encontrei. Daniel te chamou. Não pôde te encontrar em sua casa e não queria chamar o Collin.

A mente do Joe imediatamente ficou em alarme.

—Quem é Daniel? O que passou?

—É Rocco. Foi golpeado por um grupo de tipos. Droga, vêm para o hospital. Ele está a caminho da ali. Max e eu vamos para lá agora mesmo, encontramos-nos.

—Ele está... — fez uma pausa e suspirou enquanto atirava algum dinheiro sobre a mesa — está bem?

—Não sei. Daniel só me disse que estava consciente, mas em estado de choque depois de haver-se encontrado com esses tipos.

—Estarei ali em cinco minutos — Joe desligou e olhou através da mesa. Repetiu-lhes o que Alec lhe havia dito.

—Nós conduzimos, não está em condições de fazê-lo — disse Julian enquanto Koby o seguia mansamente atrás do Joe.

—Só me leve ali tão rápido como pode — ele subiu à caminhonete do Julian.

Alec e Max o esperavam no vestíbulo da Sala de Emergência quando entrou pela porta.

—Onde está ele?

—Ainda estão lhe examinando — respondeu Alec, com o Max parado a seu lado. Alec se deu volta e gesticulou para o Daniel quem estava conversando com um tipo grande numa esquina da sala de espera — Daniel está conversando com um detetive do Departamento de Polícia.

Sem esperar que Alec dissesse algo mais, Joe se precipitou para ao detetive.

—Sabe quem fez isso?

O tipo se deu volta para ele.

—Posso perguntar quem é você?

—O doutor Joe Pressman, companheiro do Rocco. Agora pode você me dizer o que está passando?

Daniel pôs sua mão no antebraço do Joe.

—Direi o que sei assim que o detetive Warren parta.

—Não pode alguém só me dizer se vocês tem a esses dois merdas em custódia? — as mãos do Joe se apertaram a seus lados. Sentia-se tão malditamente necessitado.

Daniel deu um apertão leve a seu braço.

—Por favor, Joe, só me deixe terminar isto e logo falaremos. Não têm ninguém em custódia, mas esperamos que Rocco possa nos dar uma pista quando for capaz de falar.

—Capaz de falar? Que diabos lhe fizeram? — ele soltou o braço do apertão do Daniel e começou a caminhar em pequenos círculos.

—Doutor Pressman, quanto mais rápido me deixe lhe fazer perguntas a minha testemunha, mais rápido poderemos procurar os responsáveis. Agora por favor, vá e comprove ao Rocco, e agora nos permita falar.

Joe estreitou seus olhos no detetive. Ele poderia jurar por sua mandíbula apertada que o tipo estava molesto com o assunto. Mas o assunto era seu amor. Este asno não podia entendê-lo?

Sentiu uma mão sobre seu ombro e olhou para trás.

—Acredito que a enfermeira está pronta para falar contigo — disse Koby.

—Obrigado — lhe disse e se precipitou para a mulher de meia idade. Ela levava avental e calças rosadas.

—Como vai?

—Descansa — lhe disse ela — Podemos determinar que não tem comoção cerebral assim lhe demos algo para que durma. O doutor chegará dentro de pouco para lhe falar da importância de suas feridas mas pensei que gostaria de sabê-lo. Por agora ele não sente dor.

Joe suspirou.

—Obrigado. Quando posso vê-lo? A enfermeira riu.

—O doutor deveria ser capaz de lhe dar uma melhor idéia — ela olhou em círculos a seu redor e viu seus amigos — É mais afortunado que muita gente, tem amigos que o apóiam.

Joe tragou o nó que apertava sua garganta e cabeceou uma vez. Como ele olhou à enfermeira afastar-se, Koby e Max o envolveram em um abraço.

—Crê que deveríamos chamar o Collin? — perguntou-lhe Julian.

—Não sei, provavelmente.

—Ocuparei-me disso — lhe disse Julian, encaminhando-se para as cabines telefônicas sobre a parede. Koby e Max o conduziram a uma cadeira e o sentaram.

A atenção do Joe escapou para trás ao Daniel e o policial. Ele não podia acreditar que nunca tivesse visto antes ao Daniel, ainda quando Rocco falava tanto dele. Rocco. Quanto pode estar de pé um homem? Depois de haver-se feito pedacinhos ouvindo retalhos de sua horrível infância quão único tinha querido era lhe brindar ao Rocco a estabilidade que parecia ansiar. Perguntava-se quanto dano lhe faria este ataque, não as lesões, embora também lhe preocupavam, a não ser o dano emocional de saber que não estava a salvo em nenhum lado. E ele deveria ter estado a salvo. Era sua responsabilidade assegurar-se que Rocco estivesse seguro. Por que não o tinha feito? Por que não tinha exigido ao Rocco que passaria para buscá-lo depois de sua aula? Demônios, era sua culpa. Tinha defraudado ao Rocco por não estar ali quando ele o necessitou.

Viu como Daniel estreitava a mão do policial e caminhou para ele. O detetive saiu rapidamente dando as costas ao Daniel. Se seus olhos não o enganavam, o tipo olhou fixamente o traseiro do Daniel. Wow, bolas de aço. Eles se detiveram diante dele.

—Vou falar com o pessoal e averiguar quando posso interrogar ao Rocco, mas queria lhe dar meu cartão. Meu melhor conselho: não vá procurar aos tipos por sua conta. Sei que pode ser tentador, mas me deixe fazer meu trabalho.

Suportando seu olhar, Joe olhou ao Detetive Warren nos olhos.

—Quero uma cópia do relatório que enviará à Universidade.

—Por quê? — perguntou-lhe com olhos estreitados.

—A perseguição na Universidade tem continuado por muito tempo. Já é hora de que o Conselho receba uma chamada que desperte.

—Falarei com meu chefe — o detetive lhe ofereceu sua mão — Me chame assim que Rocco acorde pela manhã. Escrevi o número de minha casa atrás.

Ele cabeceou e olhou o cartão de visita em sua mão, o Detetive Leo Warren. Joe olhou de Leo ao Daniel com um sorriso sedutor antes dirigir-se para o pavilhão das enfermeiras.

—Está preparado para falar comigo? — perguntou ao Daniel.

Afastando o cabelo comprido loiro de sua cara, Daniel afirmou com sua cabeça antes de olhar para baixo.

—Não acredito que goste do que tenho que lhe dizer.

—Realmente não importa se eu gosto ou não, preciso saber — ele caminhou até umas cadeiras antes de sentar-se.

Daniel estava a seu lado. Joe notou que rechaçou olhá-lo aos olhos. Ele se perguntou se devia-

se a sua natureza total ou se sentia-se culpado pelo que lhe tinha passado ao Rocco.

— Bem, conversemos.

Ele suspirou e Daniel começou.

— Saía do edifício quando ouvi risadas. Ao princípio pensei que era só um grupo de estudantes que colocavam a pata e comecei a caminhar para meu carro, mas então ouvi os gritos. Assim que entendi as palavras corri para eles.

— O que diziam? — Joe pôs uma mão sobre as costas do Daniel quando começou a tremer.

Daniel lhe jogou uma olhada em cima antes de baixar seus olhos outra vez.

— Eles falavam do treinado Williams e de que não merecia ter um filho assim. Eles disseram que foram dar uma lição.

A cabeça do Daniel se elevou e olhou ao Joe diretamente aos olhos pela primeira vez.

— Eram quatro. Eu pensei que eram jogadores de futebol.

As mãos do Joe se apertaram enquanto ele fechava seus olhos. Tudo no que ele podia pensar era que Collin tinha enviado a seus cães para fazer seu trabalho sujo.

— Eu o matarei — lhe sussurrou.

— Não — disse Daniel — Não pode interferir na investigação. Se fizer os responsáveis podem sair disto sem pagar o que fizeram.

— Me fale do resto — disse Joe entre os dentes apertados. Daniel se inclinou para trás para olhar seu regaço.

— Comecei a gritar pedindo ajuda e o grupo correu. Quando alcancei ao Rocco pensei que estava inconsciente porque não se movia, mas quando o virei, abriu os olhos. Bem, um olho, o outro estava muito inchado. Seu jeans estavam ao redor de seus tornozelos assim que os subi e chamei o 911 desde meu telefone.

— Eles...?

— Não, não acredito. Penso que só tentavam assustá-lo. Quando a polícia e a ambulância chegaram tinha dificuldades para respirar mas rechaçou falar. Não seria surpreendente se não tivesse algumas costelas quebradas. Quão único podia fazer era tentar pô-lo tão cômodo como pudesse e te encontrar. Segui perguntando ao Rocco por seu número de telefone mas ele não me ouvia.

Joe sustentou sua mão.

— Obrigado, já sei suficiente.

Ficando de pé, caminhou até os serviços tão rápido como podia. A última coisa que queria era chatear-se em uma sala cheia de gente. Quando encontrou o lavabo, abriu a água fria e salpicou sua cara com água fria. Suas emoções eram caóticas e não podia entender que fazer primeiro. Ele sabia que Rocco o necessitaria quando despertasse, mas sua mente gritava por vingança. Um murro na parede fez que Max lhe jogasse uma olhada.

— Collin está aqui — lhe disse.

Com um grunhido, Joe empurrou Max de seu caminho e se dirigiu para a sala de espera. Descobriu Alec falando com o Collin na porta de entrada e explodiu. Sem lhe dar uma só possibilidade ao Collin de sequer olhá-lo, Joe se fez para trás e lhe disparou um murro na mandíbula. O homem maior caiu por terra e Joe foi atrás dele, mas foi tirado de cima e afastado pelo Alec e Julian.

— És um merda — gritou a Collin — Você fez isso, enviou a seus jogadores contra seu próprio filho. Que tipo de pai és?

— O que? — perguntou-lhe Collin, tentando ficar de pé — Eu não o fiz, juro que não faria algo assim — Collin negava sacudindo sua cabeça.

— Mentiroso — lhe disse Joe — Sai daqui antes que te mate.

Collin olhou ao resto do grupo, enquanto Julian e Alec continham ao Joe.

— Não fiz isto, juro-lhe isso — quando nenhum deles falou, Collin esfregou o lado de sua cara e

saiu da Sala de urgências. Alec deu um abraço ao Joe antes de liberá-lo.

—Deixe ir.

—O que? Acredita nele?

—Faça-o ou não, isso terá que averiguar a polícia — disse-lhe Julian — Fomos amigos por muito tempo e não soube que alguma vez mentisse.

—Sim, bem, sempre há uma primeira vez para tudo.

CAPÍTULO SETE

Sentado ao lado da cama de Rocco, Joe continuava recriminando-se. As palavras do doutor se repetiam uma e outra vez em sua mente.

—Tem sorte de estar vivo — havia dito.

Rocco tinha duas costelas quebradas, um rim muito machucado e tantas contusões que reluzia azul em lugar de sua cor bronzeada normal. O hospital tinha tirado radiografias, ecografias, e um exploratório para procurar hemorragias internas, mas não tinham encontrado nenhuma. Seu comprido e grosso casaco o tinha salvo. Um casaco. Não o homem que se supunha tinha que cuidar dele. Ele tinha estado fora rindo e bebendo com seus amigos. Que patético.

Rocco tinha estado dormindo durante quase dez horas, quando um assobio de dor alertou ao Joe de que tinha despertado. Aproximando-se mais perto da cama, retirou o negro véu de cabelo do rosto do Rocco.

—Shh, não tente falar, só escuta. Foi assaltado por vários homens ontem à noite depois de deixar o salão de arte. Agora está no hospital e tem um par de costelas rotas, mas o doutor disse que deveria sanar sem nenhum problema. Tudo o que podemos fazer é tratar de te manter o mais confortável possível. — Tomou a mão do Rocco com força, à única parte que não estava arroxeadas— Amo-te, —sussurrou.

—Dói —murmurou Rocco.

—Sei, carinho. Irei te buscar uma enfermeira e verei se pode te dar algo mais para a dor — começou a levantar-se, mas Rocco tomou sua mão.

—Quem?

—Não estamos seguros, mas pensamos que foram alguns dos jogadores de seu pai. A polícia está trabalhando nisso. Daniel encontrou-te e os fez fugir. Recorda-o?

—Não —a voz do Rocco soou rouca.

Joe estava contente de que Rocco não recordasse tudo. Só esperava que recordasse o suficiente para ajudar à polícia.

—Preciso chamar o Detetive Warren. Ele está a cargo de seu caso e querará te interrogar — apertou a mão do Rocco reafirmando-o — Crê que pode fazê-lo?

Rocco o olhou através das frestas de suas pupilas inflamadas.

—Meu papai fez isto?

—Não sei, carinho. Ele passou por aqui enquanto ainda lhe estavam examinando. Golpeei-o. Não estou orgulhoso disso, mas estava tão malditamente zangado com ele. Alega que não sabia nada a respeito, mas a polícia o decidirá.

—Chama o detetive.

—Farei, justo depois de encontrar uma enfermeira — se inclinou sobre a cama e depositou um gentil beijo sobre a arroxeadas frente do Rocco — Te amo.

—Amo-te — disse Rocco ignorando o corte em seu lábio.

Jazendo em sua cama, Rocco estudava ao enorme e escuro detetive ao tempo que este ficava confortável na cadeira a seu lado. Joe permanecia de pé atrás do detetive inclinando-se contra o batente. Rocco não pôde evitar notar a preocupação e a culpa no rosto do Joe. Mais cedo tinha tentado tranquilizar ao Joe, lhe dizendo que não era sua culpa, mas não acreditava ter chegado até

ele. Durante a hora anterior tinha tentado recordar detalhes do ataque, mas só a gente realmente ressaltava.

—Pinho sol — soltou— Lembrança que a capa de travesseiro cheirava a Pinho sol.

—Como o limpador de banho e pisos? — perguntou o Detetive Warren.

—Sim. Conheci um moço que o punha na água de sua máquina de lavar roupa. Dizia que tirava o aroma de suor melhor que qualquer outra coisa. Estou seguro que era Pinho sol.

—Leo — disse Joe do outro lado do quarto — é possível conseguir uma ordem para os fichários que têm os jogadores de futebol? Estou seguro que se essa pessoa lavar seus lençóis com Pinho sol, provavelmente também lava sua suada roupa de exercícios com ele.

Leo assentiu.

—Seria muito mais fácil obter uma ordem para os fichários que para o dormitório ou o apartamento de cada jogador. Tenho que falar com meu Chefe quando retorne a estação — se inclinou, aproximando-se do Rocco — Preciso que me diga passo a passo o que recorda depois de deixar o estudo de arte — Leo tirou um pequeno gravador de seu bolso e o levantou — Te incomoda?

—Não — levantou o visto para o Joe — Devemos fazer isto sozinhos?

O Detetive Warren deveu ter percebido sua ansiedade.

—Sim, provavelmente o fará mais oficial — girou em sua cadeira para olhar ao Joe — Incomoda sair ao corredor por uns minutos? Possivelmente deveria te conseguir algo de comer na cafeteria. Parece bastante cansado.

Joe nunca desviou seu olhar do Rocco. Caminhou para a cama e deu-lhe outro beijo na frente. Rocco sabia que ele queria dizer algo, mas em troca sacudiu a cabeça e saiu.

No momento em que Joe saiu do quarto, Rocco começou.

—Lembro de sair do edifício e notar que estava muito escuro. Acredito que as luzes não funcionavam ou algo... — continuou descrevendo o ataque com todo o detalhe que pôde. Rocco teve que parar freqüentemente para deixar descansar a suas costelas, mas quando terminou pôde ver que a mandíbula do detetive estava tensa e curvada.

—Posso-te fazer uma pergunta mais? Por que queria que o Dr. Pressman saísse do quarto?

—Ele se sente culpado. Não queria que escutasse os detalhes do que tinha ocorrido. Só saber o que aconteceu, o está comendo vivo.

O rosto do Detetive Warren se suavizou e mostrou uma pequena careta.

—Vocês dois estão tão ocupados protegendo o um ao outro que não falam a respeito. Ele é um doutor, não o esqueça. Sugiro que fale com ele ou com outro profissional. Os ataques desta natureza costumam deixar mais cicatrizes internas que externas — Leo ficou de pé e deslizou o gravador de volta em seu bolso — Todos deveríamos ser tão afortunados de ter uma relação como a que vocês têm. Deveriam confiar o um no outro. Necessitará dele para te sobrepôr a isto.

—Obrigado — Rocco olhou ao Detetive Warren. Escutou-o abrir a porta.

—Encontrarei ao Joe e o enviarei de novo aqui.

—O agradeço — escutou que a porta se fechava, e apertou o botão da máquina a seu lado, a qual liberou outra dose de medicação para a dor através de sua sonda. Bocejou e imediatamente se estremeceu ante a dor que o causou. Te acostume, pensou. Pelo que o doutor havia dito, provavelmente estaria dolorido por várias semanas a mais. Levaria ao redor de seis semanas para que suas costelas sanassem por completo. Quando a medicação começou a fazer efeito seus olhos começaram a fechar-se. Possivelmente só os fecharia até que Joe voltasse e pudessem falar.

Bebendo sua terceira taça de café, Joe caminhava de um lado ao outro pelo corredor até que Leo saiu do quarto do Rocco.

—Conseguí o que necessitava? — ele mesmo se escutou brusco.

—Sim — Leo o olhou por um segundo — Sei que não é meu lugar para dizê-lo, mas ele só tentava te proteger ao não te querer no quarto.

Protegê-lo?

—O que?

Leo suspirou e se passou a mão entre seu curto cabelo negro.

—Sabe que culpa a ti mesmo. Ele não queria adicionar mais combustível ao fogo.

Joe começou a negá-lo, mas se deteve. Possivelmente Rocco tinha razão, porque ele sabia que se tivesse escutado cada detalhe, isso o teria matado. Estendendo sua mão, esperou a que Leo a estreitasse.

—Obrigado. Nos chame se averiguar algo.

—É obvio — Leo assentiu antes de partir.

Deslizou-se dentro do quarto do Rocco e o encontrou dormindo. O doutor lhe havia dito que o reteria outro dia para monitorar a quantidade de sangue que passava por seu cateter antes de deixá-lo ir aos cuidados do Joe. Tinham-lhe dado medicação para suas costelas, mas só precisava tomar-lhe com calma por bastante tempo.

Ao sentar-se, Joe se perguntava o que fariam em relação às classes do Rocco. Não estava seguro de que seus professores lhe deixassem recuperar o trabalho. Ele tinha chegado a uma decisão nas últimas doze horas, igualmente. A Universidade necessitava fazer algo respeito da sua segurança. Rocco havia dito que as luzes não estavam funcionando ao redor do edifício de arte. No momento em que Rocco saísse do hospital ia lhe falar a respeito de apresentar uma queixa contra a universidade. Se o Detetive Warren podia ajudar a provar que o ataque ao Rocco estava apoiado em suas preferências sexuais, Joe pensava que tinham uma boa oportunidade de conseguir mudar algumas coisas na faculdade.

Joe olhou ao redor do quarto. Por que os hospitais sempre pintavam as paredes de um monótono cinza esverdeado? Sabendo que Rocco provavelmente dormiria mais ou menos uma hora, decidiu ir para o corredor e fazer algumas chamadas. A primeira seria a sua mãe e a seu pai. Pode ser que ele tivesse trinta e cinco anos, mas seus pais eram as pessoas que melhor escutavam, e essa vez, precisava lhes dizer toda a verdade sobre o amor de sua vida.

Um de seus amigos próximos, Tony Bianchi, passou pelo hospital essa noite, lhes trazendo hambúrgueres e milk-shake do Shake Shack.

—Não sabia se podia comer isto ou não, mas não podia suportar pensar em vocês dois comendo comida de hospital.

—Posso comer o hambúrguer — disse Rocco — mas o milk-shake pode ser muito espesso. Não tem sentido juntar saliva. Dói como o inferno ao tossir.

Tony aproximou uma cadeira para o Joe enquanto este se inundava em seu jantar. Gemendo, Joe fechou os olhos ao tomar o primeiro bocado.

—OH, Tony. Não tem idéia de quanto necessitava isto.

Rindo silenciosamente, Tony começou a beber o milk-shake de chocolate que tinha comprado para o Rocco.

—Assim, quando vais sair?

—Amanhã — respondeu pelo Rocco — Mas não será capaz de fazer nada por várias semanas. Igualmente minha mamãe vem de avião este fim de semana. Chamei-os e lhes contei o que tinha passado e ela insistiu em ajudar.

Fez uma careta, recordando a resposta de sua mamãe quando contou-lhe a respeito do Rocco e quão jovem era. Lhe havia dito que a idade não era nada mais que um número e que o que contava eram os sentimentos. Sua mamãe era a indicada para desenredar a vida nos termos mais simples.

Rocco olhou Joe ao mesmo tempo em que mastigava lentamente sua comida. Quando lhe havia dito que sua mamãe vinha para cuidar dele pela próxima semana mais ou menos, tinha visto a confusão nos olhos do Rocco. Joe sabia que essa era uma coisa que Rocco perdeu crescendo com a Janie como mãe.

Tony ficou mais uns trinta minutos enquanto viam o Rocco mordiscar seu hambúrguer. Joe

jogou um olhar ao Rocco por não comer e ele fez uma careta e mordiscou um pouco mais.

—Então, como está Christian?

—Bem, tem estado fora a negócios muito tempo ultimamente — Tony se encolheu de ombros — Diz que tenta obter mais clientes. Disse-lhe que temos todo o trabalho que podemos dirigir agora, mas ainda assim vai.

Joe se estirou e apertou o ombro do Tony.

—Mas vocês ainda se estão levando bem, não?

—Sim, demônios, estivemos juntos desde a universidade. Suponho que toda relação tem suas altas e baixas. Estaremos bem — Tony se levantou e se estirou — Será melhor que vá indo. Não duvidem em chamar se necessitarem algo.

—Obrigado pelo jantar — disse Rocco, ainda sustentando perto de um terço de seu hambúrguer. Tony sorriu e saudou com a mão ao sair pela porta.

Joe parou e aproximou a bolsa do lixo de Rocco. Com vergonha, ele atirou os restos de seu jantar e fez uma careta.

—É difícil comer.

Sentando-se novamente, Joe aproximou sua cadeira. Passou a palma de sua mão pelo lado do rosto inchado do Rocco, tirando o cabelo fora do caminho.

—Pensa que estará o suficientemente bem para ir a casa amanhã?

—Sim, sempre e quando me enviarem para casa com algo forte para a dor. Preferiria muito mais estar estendido em nossa cama para que você pudesse estar a meu lado.

Inclinando-se, Joe o beijou, tomando cuidado com o lábio partido do Rocco.

—Está de acordo que minha mamãe venha, não?

—Estou de acordo. É só que não estou seguro por que vem.

—Bom, disse-lhe que te amava e que tinha sido ferido, assim naturalmente ela sente que a necessita aqui. Poderia ter discutido mas realmente não houvesse feito nenhum bem. Olivia Pressman vive para ser necessitada. Te vai mimar tanto que não vai ser possível viver contigo quando ela se vá — Pôde ver que a preocupação retornava aos olhos marrons do Rocco.

Tirou sua língua para umedecer os lábios.

—Não estou seguro de como atuar — admitiu finalmente.

—Seja você mesmo e ela se apaixonará por ti tão rápido como eu. — Joe podia ver que Rocco ainda não estava convencido. Com seus antecedentes, quem o podia culpar? Fez-se uma nota mental para falar com sua mãe quando a recolhesse no aeroporto. Joe estava seguro de que ela necessitaria uma pequena advertência a respeito da forma que Rocco provavelmente atuaria quando ela tentasse se fazer de mãe com ele.

—por que não vai para casa? Estou cansado e você necessita um banho — fez uma careta e enrugou o nariz.

—Então é assim, não? Bom, então possivelmente posso te dar um beijo de despedida — parou e levantou seu nariz.

—Nunca precisará pedir muito para um beijo. Traz esses lábios aqui.

Joe sabia que Rocco necessitava tempo para pensar e embora sabia que estar cansado era uma desculpa, decidiu lhe dar o que estava pedindo. Sem posar suas mãos no dolorido corpo do Rocco, inclinou-se e beijou a seu homem.

—Amo-te.

—Sim, eu também.

CAPÍTULO OITO

Em sua segunda manhã em casa, Rocco abriu seus olhos e viu a cara sorridente do Joe.

—Bom dia — Joe agarrou as pílulas da mesinha de noite e a água. Dando ao Rocco que ainda

estava grogue, enquanto ria — Hoje vem mamãe. Tenho que partir durante um par de horas a procurá-la o aeroporto.

Rocco conseguiu tragar os antibióticos e a pílula para a dor e devolveu-lhe o copo. Não queria lhe dizer que ainda estava inquieto sobre a chegada da Olivia.

Joe recolheu as coisas e se deitou lhe aproximando para si.

—Quer que lhe ajude esta amanhã a te banhar? — perguntou-lhe Joe enquanto salpicava sua pele com suaves beijos. Quando começou a riscar seu caminho para baixo, de seu pescoço ao peito, Rocco esticou-se bruscamente e ofegou pela dor. Joe elevou a cabeça.

—Fiz-te mal?

—Não, já não me dói. Suponho que estou ainda um pouco consciente sobre as contusões — se viu no espelho pela primeira vez no dia anterior. E embora o inchaço em sua cara tivesse começado a diminuir, ainda se parecia com um monstro. Joe se apaixonou por ele devido a sua evidente beleza, e agora o olhem.

Voltando a riscar o caminho para os lábios do Rocco, Joe envolveu com sua mão o flácido pênis do Rocco martelando-o. Era um movimento possessivo, mas ao que lhe deu as bom-vindas. Tinha que saber que Joe ainda o amava inclusive se não era nunca mais formoso.

—Amo-te, por que não posso conseguir que acredite em mim?

—Acredito-te — resmungou.

—Não, não o faz. Se o fizesse então saberia que nem corte nem contusões fariam que eu deixasse de te amar. Tenho que te fazer amor, verte assim mal me está matando, mas também sei que tenho que esperar. Teremos tempo de sobra quando suas costelas estejam curadas. Agora mesmo, quão único é importante, é cuidar do homem que amo. A propósito esse é você — Joe sorriu abertamente e o beijou outra vez.

Rocco sentiu seu pênis palpar e começar a mover-se. Sem pensá-lo, começou a moê-lo contra a mão do Joe e assobiou outra vez de dor. Joe tirou sua mão imediatamente e sacudido sua cabeça.

—Nada de sexo, isto fará que seus músculos se estiquem.

—Somente quero me sentir perto de ti — Sabia que soava como um menino petulante, mas não tinha conseguido um abraço desde o ataque. OH, sabia a razão que havia detrás disto, mas sabê-lo não fazia que fosse mais fácil de dirigir. Estar abrigado entre os braços do Joe não se parecia com nada que tivesse sentido em sua vida. Deus necessitava esse sentimento.

—Me deixe tentar algo, mas tem que me dizer se doer. Promete?

—Sim — Rocco esperou enquanto Joe roçou seus lábios um pouco. Um momento mais tarde Rocco estava contra o peito do Joe, a mão deste descansava sobre seu quadril. Não era o mesmo que estar abraçado, mas era o mais perto que tinha sentido ao Joe em vários dias. Inalou no fôlego do Joe o café da manhã e ronronou — Que bem se sente.

—Sim? — perguntou-lhe Joe — Não te faço mal?

—Deus não — Inclinou sua cabeça para frente e enterrou a cara no pescoço do Joe — Crê que poderemos fazer isto com sua mãe aqui?

—A cada oportunidade que nos surja — prometeu Joe.

Estirado sobre um lado, Rocco sorriu quando Aaron e Demitri entraram na sala de estar.

—Ah, Meninos. Perdoem que não me levante — brincou da sua posição sobre o sofá.

Demitri se sentou em uma das cadeiras enquanto Aaron se ajoelhava ao lado Rocco.

—Como se sente? — perguntou Aaron.

—Dolorido, mas melhorando por momentos. Ao menos, já sou capaz de ir ao banheiro sem me dobrar de dor — olhou ao Demitri — Joe disse que queria falar comigo sobre apresentar uma queixa contra a Universidade. Conte-me.

—De verdade? Isso é fantástico. Tinha medo que te tivesse que retorcer o braço um pouco — disse Demitri com uma piscada.

—Não, nada de retorcer. Estou muito dolorido para isso de todos os modos — disse reajustando

a trança, que Joe tinha feito com seu cabelo para mantê-lo fora da cara — Já nos pusemos em contato com um advogado. Supõe-se que nos encontraremos com ele na segunda-feira para preparar os papéis.

—Bom. Tem te dito algo o Detetive Warren?

—Ele chamou esta manhã. Eles agarraram ao Chad Loningham ontem à noite para interrogá-lo. A sua era a única roupa do ginásio que tinha rastros de Pinho-Sol, mas Leo disse que não era bastante para retê-lo. Penso que ele tentava lhe pôr nervoso — Rocco sacudiu a cabeça — Parece que há uma possibilidade muito real, de que nunca possamos chegar aos implicados. É tudo muito complicado.

—Collin ainda insiste que não tem nada que ver com isso. E penso que lhe acredito.

—Ele perdeu muito trabalho esta semana passado, e sei que esteve bebendo em excesso — disse Aaron distraidamente alisando o cabelo do Rocco em sua têmpora.

—Lamento pensar que meu pai faria algo assim. Quero dizer, que entendo que se lavaram as mãos comigo. Mas me custa acreditar que ele me tenha atacado.

—Bem, não sei se isto ajuda, mas Chad é um amigo do Vic Winter. Conhece quem é ele? — perguntou Demitri.

—Não é o quarterback que deu tantos problemas ao Koby?

—O mesmo. Isto é somente uma conjectura por minha parte, mas acredito que Chad não estava muito feliz sobre que seu amigo perdesse sua posição frente a um homem gay. Provavelmente ouviu a discussão do Collin com o Justin sobre sua sexualidade e Chad te usou para vingar-se da comunidade gay em geral. Francamente não penso que isto seja um ataque de parte do Collin, apesar de tudo o que foi dito então.

Rocco tocou um rasgão em sua camiseta.

—Pensa que meu pai falaria comigo se eu o chamasse?

—Não sei, mas realmente sei que chegou à sala de emergências logo que entraram em contato com ele. Penso que está em plena espiral para baixo, agora mesmo.

Não sabia o que fazer. Em seu coração, realmente não podia acreditar que seu pai faria algo tão horrível, mas isso tinha sido antes que jogasse a patadas de sua casa sem lhe dar a mais mínima oportunidade de explicar-se. Isso lhe tinha doído como o inferno.

—Talvez o chame.

Aaron esteve a ponto de dizer algo quando a porta se abriu e Joe e sua mãe entraram na sala de estar.

—Está nevando outra vez — disse Joe tirando seu casaco e ajudando a Olivia com o seu.

Rocco tragou ar, de repente sentindo-se mais nervoso que nunca. A Sra. Pressman não era absolutamente como a tinha imaginado. Sabia que o pai do Joe era um cirurgião, então uma parte dele esperava uma magra e fina mulher que encaixaria no jogo social de Chicago, o tênis, moças no clube e tudo isto. Não esperava uma mulher baixa e ligeiramente corpulenta com um grande sorriso e cabelo grisalho. Antes que pudesse apresentar-se, ela voou através do quarto para sentar-se sobre a mesa de centro diretamente diante dele.

—OH, doce moço, simplesmente olha-o — ela abriu suas mãos, e ele começou a retirar-se. Acariciou sua cara ligeiramente torcida — Como têm feito isto a uma cara tão perfeita?

—Espera até que as contusões e o inchaço diminuam — disse Joe sobre seu ombro — Então verá realmente quão formoso é.

A Sra. Pressman se inclinou e o beijou sobre a frente.

—Eu vejo a profundidade de sua beleza em seus olhos, filho.

A carícia trouxe uma avalanche de umidade a seus olhos e elevou a vista para o Joe. Por que ela fazia isto? Tinha vivido toda sua vida sem esta classe de afeto por parte de uma mulher. Por que agora? Rocco não sabia que pensar e ao não compreender, olhava-a com desconfiança. Em uma tentativa de entender que tipo de jogo a jogava. Joe deve ter se dado conta sobre seu humor

porque limpou sua garganta, rompendo assim a tensão.

— Mamãe por que não lhe levo a bagagem ao quarto de hóspedes e pode ir desempacotando?

Aaron e Demitri tomaram isto como um sinal e se levantaram colocando seus casacos. Demitri lhe olhou e sorriu.

— Vamos deixar vocês sozinhos. Espero que melhore.

— Obrigado por vir — lhes disse, uma vez que a Sra. Pressman lhe tinha tirado as mãos da cara. Suspirando ela ficou de pé frente a Joe.

— Posso levar minhas bolsas. Parece-me que Rocco poderia necessitar algo para beber. Depois de que arrume tudo, farei uma boa e agradável panela de chocolate quente — jogando atrás o olhar para Rocco lhe perguntou — Você gosta com marshmallows ou sem eles?

— Não sei — disse com franqueza — Nunca tive nada em meu chocolate quente antes.

— Bem então, está a ponto de provar um manjar — a Sra. Pressman se dirigiu para a porta, recolheu sua mala e saiu ao corredor.

Assim que esteve fora da vista, Joe se ajoelhou diante Rocco, lhe dando um profundo beijo.

— Está bem?

— Sim, isto é bastante estranho para mim, suponho. Nunca conheci ninguém como ela.

Embora nesse momento lhe tivesse gostado de escapar do olhar do Joe suas costelas o mantinham quieto no lugar. Joe se encolheu de ombros e olhou para o corredor.

— Ela é somente minha mãe — lhe piscou os olhos o olho — Seu instinto maternal começou quando ficou grávida. Espero que isto não seja muito duro de dirigir para ti, mas é que a ela isto a faz feliz. Prometa-me, que se for demais me dirá isso.

— Bem — resmungou não muito seguro de como se sentia a respeito. Que Joe lhe cuidasse era diferente, era seu amante, mas não sabia se ia gostar da idéia de alguém mais além do Joe lhe fazendo mimos.

Pensar na Sra. Pressman, pôs na primeira página de seus pensamentos, seu pai.

— Penso que tenho que chamar a meu pai. Aaron me disse que não foi trabalhar ultimamente e que esteve bebendo. Estive ao redor de alcoólicos toda a minha vida, e conheço esta situação. Esta saída não é a resposta.

Joe jogou com sua trança uns segundos antes de lhe responder.

— Sei que é seu pai e não vou te impedir que fale com ele. Somente não quero que ele diga algo mais, para te fazer dano. Se vir que começa a te dizer algo que possa te ferir deve desligar.

Fechando os olhos, tragou.

— Tenho que tentá-lo.

— Sei carinho — Joe o beijou outra vez.

Depois de um jantar agradável de guisado de vitela e pão de milho, Joe ajudou ao Rocco a tombar-se no sofá. Quando olhou o estremecimento na cara do Rocco pela dor, sacudiu sua cabeça.

— Não deveria te haver sentado à mesa.

— Sua mãe teve muito trabalho e teria sido grosseiro não comer com vocês.

Suspirando recostou ao Rocco seguindo as indicações do médico com muito cuidado, para não lhe danificar o lado ferido.

— Escuta, sei que ainda estas um pouco incômodo com mamãe ao redor, mas estão aqui para nos facilitar as coisas. Não a ofenderá se não puder comer à mesa.

Joe se sentou no chão e escovou as caprichosas mechas de negro cabelo que lhe vinham à cara ao Rocco.

— Amo-te.

— Amo-te — lhe disse Rocco, mordendo-se seus lábios.

— O que?

— Poderia me trazer o telefone? Penso que talvez tente chamar papai agora.

Joe brigou consigo mesmo durante uns segundos antes de cabecear. Dando um beijo ao Rocco desenganchou o telefone celular de sua cintura e o deu.

—Recorda o que disse. Se começar a ficar grosseiro contigo só tem que desligar.

—Recordo — lhe disse Rocco, brandamente olhando o teclado numérico.

Parado durante um momento, ao fim Joe assinalou para a cozinha.

—Vou à cozinha para ajudar a mamãe. Grita se necessitar algo — Rocco cabeceou e Joe se dirigiu para a cozinha.

—Como vai? — perguntou Olivia, enchendo a pia com água quente e sabão.

—Está bem — se encolheu de ombros — Vai chamar a seu pai.

Os olhos da Olivia se aumentaram.

—Surpreende-me que não lhe tenha impedido que lhe chame. Depois da maneira em que Collin o jogou.

Tirando um pano de cozinha da gaveta, começou a secar os pratos.

—Ele é um homem, mamãe. Pode que tenha só dezoito anos, mas pelo que me contou e sei, cuidou que si mesmo durante toda sua vida. Demônios, ele é provavelmente mais amadurecido que eu — Joe apertou o pano em suas mãos — Se somente não fosse tão tenro de coração. Isto ainda me assombra, sua vida foi um autentico inferno e ainda tem um coração do tamanho de uma montanha.

Olivia se girou e lhe estreitou em seus braços.

—Essa é uma das razões pelas que merece a alguém com um coração tão grande como o seu. E você é perfeito para ele. São perfeitos um para o outro.

Olhando a sua mãe perguntou:

—A diferença de idade não te incomoda?

Encolheu-se de ombros e voltou a lavar os pratos.

—Antes de lhe conhecer, admitirei que me incomodasse algo, mas agora não. Posso ver quanto amor há entre os dois cada vez que se olham um ao outro. Isto é tudo o que alguma vez quis para ti.

—Obrigado, Mamãe.

Um forte lamento de dor chegou da sala de estar, Joe e Olivia se dirigiram rapidamente para o Rocco. Estava inclinado a um lado do sofá chorando de dor e vomitando o jantar. Tratando desesperadamente de proteger-se com seu próprio braço abraçava suas costelas para controlar a dor, a cara do Rocco ficou branca. Sabendo que provavelmente lhe causaria mais dor, Joe pediu perdão ao Rocco antes de agarrá-lo em braços para levá-lo ao banheiro.

—Estou esgotado — raspou Rocco. Joe agarrou uma toalha da prateleira e a pôs debaixo da água fria depois de pôr o Rocco sobre a tampa fechada do inodoro. Limparam-lhe primeiro a cara e a boca antes de lhe tirar sua camiseta manchada pela cabeça. Depois de lhe haver limpado lhe tirou a roupa interior, Joe pôs os lábios na frente do Rocco.

—Estas doente ou aborrecido?

—Não, não estou doente. Poderia me ajudar a chegar a pia para que possa escovar os dentes? Depois gostaria de me deitar, por favor. Penso que já terminei por hoje.

Ajudando-lhe a ficar de pé lhe conduziu ao dormitório. Atirando o edredom e os lençóis para trás o ajudou a deitar-se.

—Tem vontades de falar disso? — perguntou-lhe enquanto lhe punha roupa interior limpa e lhe agasalhava.

Rocco finalmente olhou aos olhos.

—Disse-me que não tinha tido nunca nenhum filho e desligou. Estava bêbado, no geral quando as pessoas estão assim é quando são mais verdadeiros.

Deitando-se para ficar frente a Rocco, Joe o beijou.

—Sinto muito que te tenha tratado assim.

—Não sei por que esperava que queria falar comigo. Não deveria ter chamado. Fui um estúpido.

—Não, não é estúpido, isso nunca. Estendeu-lhe a mão. Isso é tudo o que pode fazer — Joe tentou conter a cólera de sua voz, por medo que Rocco interpretasse mal a fonte de seu aborrecimento — Dorme um momento. Virei à cama mais tarde e te amarei.

Rocco cabeceou e fechou seus olhos. Joe esperou uns quantos minutos até que a respiração do Rocco se compassou e saiu à sala de estar. Começou a colocar o casaco e botas quando Olivia entrou na sala. Pôde ver que ela tinha estado limpando a confusão e sorriu.

—Obrigado.

Estreitando os olhos lhe perguntou:

—Aonde vai?

—Chutar o traseiro de um velho amigo — disse, abriu a porta partiu.

CAPÍTULO NOVE

Quando Joe chegou à casa do Collin se foi acalorando ainda mais. Como se atrevia esse bastardo a desligar o telefone no Rocco. Golpeou fortemente na porta e ao não ter nenhuma resposta tentou a maçaneta. Não lhe surpreendeu encontrar que estava sem trancar e se dirigiu diretamente para a sala.

Collin estava esparramado no sofá com meia garrafa de uísque na mão. Tão transtornado como estava, a visão de seu melhor ex-amigo o impressionou. Collin não se parecia em nada ao forte treinador de futebol que sempre tinha conhecido. Sua roupa parecia que não trocava há dias, sem falar de sua cara sem barbear.

—Que demônios quer? — mal pronunciou Collin.

Cruzando os braços sobre o peito para impedir-se de partir em pedaços a seu velho amigo, Joe exalou.

—Devi averiguar por que desligou a seu filho.

—Ele não é meu filho.

—Maldito seja, simplesmente porque não é o tipo de filho que tinhas imaginado ter não o faz menos teu — lhe gritou.

—Não, significa que ele realmente não é meu filho. Averigüei-o quando foi ao médico antes de começar a universidade. Segundo a análise de sangue, ele não é meu.

—Quer dizer que te tem feito prova de DNA? — ampliou sua postura ao pôr as mãos nos quadris.

—Não, mas sei o tipo sangue de Janie pelos históricos médicos que a fiz me enviar quando Rocco decidiu viver aqui. Sou O positivo e Janie é A positivo, mas Rocco é O negativo.

Collin riu e tomou outro gole.

—Paguei milhares de dólares na pensão de um menino que nem sequer é meu.

—Um menino? — de repente, Joe não viu seu ex-amigo nem ao pai do Rocco, o que viu foi a um sujo bêbado — Não merece ao Rocco como filho. Sim, tem razão, pagou milhares de dólares, mas não te engane, nunca foi um pai. Um verdadeiro pai vai ver seus filhos mais de uma vez ao ano. E você? Você pedaço de merda, nunca te incomodou em comprovar como estava Rocco para te assegurar que estava pelo menos alimentado. Sabe que ele começou a trabalhar sendo só um menino para poder comprar comida?

Viu a confusão na cara do Collin.

—Sim, é certo. Essa rameira que tem por mãe gastou cada centavo que enviou em tudo, menos em seu próprio filho. Sabia que Janie era alcoólica? Ou que a maioria das noites Rocco dormia diante de seu apartamento porque lhe tinham ordenado sair de casa enquanto sua mãe estava transando com alguém? Põe-me doente. É tão mau como Janie o foi. Rocco deveria estar contente de haver-se liberado de ti, saco de merda arrependido — girando-se abriu com força a porta e a

deixou aberta. Joe se sentou em seu carro durante vários minutos tratando de acalmar-se antes de voltar para casa. O que ia dizer ao Rocco?

Rocco lhe tinha contado sobre o dia em que sua mãe o havia jogado de casa de um chute. Foi o dia do funeral do Lorne. Sua mãe não permitiu que Rocco fosse ao serviço. Ela o tinha acusado de matar a seu amante. Rocco tinha tratado de explicar que Lorne só tratava de conseguir sua atenção jogando com a arma.

Tinha pedido ao Lorne várias vezes que lhe entregasse a arma para que pudessem falar, mas Lorne se negou. Disse que a única maneira que poderia salvá-lo era que Rocco lhe perdoasse por deitar-se com o Janie. Rocco se tinha negado a perdoar e esquecer, então Lorne colocou a pistola na cabeça e de novo lhe perguntou. Uma vez mais, Rocco se negou a ser intimidado, dando as costas ao Lorne. Quando estava vendo a televisão, Lorne atirou-se na cabeça. Sacudindo a cabeça, Joe tratou de imaginar culpa que Rocco deve ter sentido e logo ser acusado por sua própria mãe. Não é de se admirar que não quisesse falar disso.

—E agora isto — Joe suspirou, arrastando-se pelo caminho de entrada.

Ao entrar riu de sua mãe. Sempre fazia o mesmo. Olivia estava profundamente dormida no sofá, ainda sentada e com a luz acesa, esperando que chegasse a casa. Caminhou até ela e beijou sua bochecha.

—Acordada mamãe e vai para a cama.

Abriu os olhos e sorriu.

—Estou acordada. Só estava descansando os olhos — Olivia acariciou a bochecha do Joe — Como vão as coisas com o Collin?

—Mau, mas pelo menos agora sei de que acontece. Agora tenho que dizer ao Rocco. Despertou e perguntou por mim enquanto estava fora?

—Não, amor. Dormiu pacificamente, mas se despertar, o faça tomar outra pílula para a dor. Tomou uma antes do jantar, mas provavelmente vomitou a maior parte. Não tem nenhum sentido que desperte mais tarde com dores.

Joe ajudou a sua mãe a subir para o quarto de hóspedes.

—Obrigado.

—Quero-te, filho.

—Eu também te quero mamãe.

Depois que sua mãe fechou a porta do dormitório, assegurou-se que a casa estivesse fechada recolheu o pote das pílulas e um pacote de bolachas do balcão da cozinha. Despidendo-se, olhou a cara do Rocco à luz da lua. Sua expressão era tensa inclusive dormindo. Joe se perguntou se era pela dor que o perturbava ou pelos pensamentos para Collin. Depois de que uma rápida viagem ao banheiro, deslizou-se sob os lençóis. Estudou Rocco enquanto esperava que sua pele se esquentasse. Quando por fim soube que não esfriaria a seu homem se apertou contra ele, Joe se aproximou mais de Rocco. Olhando os lábios perfeitamente formados que tinha diante, não pôde resistir a beijá-los. Rocco gemeu e se abriu para ele. Aprofundando com a língua, varreu o interior da boca do Rocco produzindo o efeito desejado.

Os olhos do Rocco se abriram e sorriu.

—Oi, você.

—Oi carinho. Precisa tomar uma pílula para a dor e comer um pouco.

Rocco assentiu e depois de tomar seu remédio e comer umas bolachas, enterrou sua cara no pescoço do Joe.

—Desejo que me faça amor — cochichou, mordiscando a pele do Joe.

—Oh! Não tem a menor idéia de quanto lhe quero fazer isso, mas o médico disse...

—Não me importa o que o médico disse — lhe interrompeu Rocco — Eu te necessito. Preciso sentir que ainda me deseja. Pode me dizer isso todos os dias, mas não é o mesmo que senti-lo assim — agarrando a mão do Joe a baixou a sua semi-dura ereção — Por favor.

Joe estudou os olhos do Rocco e lutou entre o que era correto e o que era necessário. Apertou o eixo que tinha na mão e puxou o diminuto aro de prata.

—Uhm, sim, mais —mendigou Rocco.

—Promete-me que permanecerá o mais quieto possível?

—Farei o que me diga, só me toque.

Tomando sua língua, se enredaram em um profundo beijo, Joe riscou um caminho de beijos descendo pelo corpo do Rocco, parou para render uma comemoração a seus mamilos perfurados enquanto acariciava lentamente seu pênis. Sentia que Rocco lhe agarrava a cabeça por atrás para que continuasse lambendo e chupando os sobressalentes brotos.

Separando-se, Joe se moveu mais baixo, arrastando as mantas com ele, até que seus olhos estavam à altura do gotejante pênis de Rocco. Lambeu a abertura, aumentando tanto como podia o desejo de seu amante antes de baixar a esse brilhante anel de prata que antes o tinha tentado. Utilizando os dentes, Joe atirou do aro e Rocco gemeu e agarrou-lhe pelo cabelo.

—Me chupe — sussurrou Rocco. Depois de lambe seus testículos, Joe trabalhou com a língua toda a longitude do eixo para cima. Adorou cada aresta, cada veia do largo e fino pênis. Escorregando os lábios sobre a cabeça, gemeu pelo sabor da essência do Rocco que invadia seus sentidos. Com as bochechas cavadas, chupou de tal forma que parecia que era a primeira vez que tinha tido o pênis do Rocco na boca.

Rocco gemeu e tratou de empurrar os quadris para a cara de Joe. Um pequeno assobio e um puxão em sua respiração foi o único sinal exterior que Joe teve que tinha lhe feito mal. Diminuindo o ritmo, alcançou para baixo entre suas pernas e agarrou seu pênis, desfrutando do apertão de seus dedos. Acariciava-se no mesmo ritmo constante que tragava o pênis de seu amante, sentia-se em paz pela primeira vez em dias. As unhas arranhavam suas costas quando Rocco lutou por não correr-se ainda.

—Não o posso agüentar — ofegou.

Joe cantarolou sua aprovação ao redor do eixo de Rocco segundos antes que um tiro constante de sêmen saísse disparado para o fundo de sua garganta. O sabor ligeiramente amargo e terroso, lançou a seu próprio orgasmo disparando sua semente na mão. Sufocando um rugido, Joe se sacudiu com a intensidade de sua própria liberação. Banhou o pênis do Rocco com a língua enquanto sua respiração se normalizava.

—Me deixe ver a mão — pediu Rocco.

Joe se recostou na cabeceira da cama e mostrou ao Rocco a mão coberta com seu sêmen. Mantendo o contato visual, Rocco lavou lentamente cada dedo antes de mover-se à palma.

—Droga, isto é sexy — lhe disse Joe, olhando a seu amante.

—Não posso esperar estar curado. Preciso-te dentro de mim, profundamente. Preciso que me reclame outra vez — Rocco o beijou, compartilhando seu sabor mútuo em um emparelhamento profundo de línguas e dentes.

—Sei, carinho. Sinto-me da mesma maneira — Joe descansou a cabeça no travesseiro do Rocco e escovou o cabelo para longe de sua têmpora. Deus, não queria ter esta conversa, mas não o podia ocultar ao Rocco, não seria justo.

—Fui ver Collin.

—O que? Quando? — perguntou-lhe Rocco, elevando a cabeça para estudar os olhos do Joe.

—Antes, depois que fosse dormir — acariciou a cara machucada do Rocco — Estava bêbado, mas adivinho que isto não é nenhuma surpresa. Collin me disse algo que penso que precisa saber. Não vou mentir, carinho, doerá.

—Estou acostumado à dor. Diga-me que te disse — estudando os olhos do Rocco, Joe viu a verdade em suas palavras. Estava acostumado que lhe fizessem mal. Maldita seja — Collin disse que segundo a análise de sangue tomados quando lhe fizeram o exame médico, ele não pode ser seu pai biológico — sustentou a bochecha do Rocco em sua mão com firmeza para que não pudesse

apartar o olhar e fechar-se dentro de si mesmo como fazia geralmente depois de ouvir más notícias. Rocco o surpreendeu dando uma breve cabeçada.

—Com sinceridade? Realmente não me surpreende. Minha mãe tinha me dado muitas pistas enquanto eu crescia. Só que nunca tive provas — fechando os olhos, suspirou — Só desejava realmente ter um pai. Estava acostumado a sonhar que um dia... Collin viria e me levaria longe de minha vida com minha mãe. Quando era um menino e discutíamos, dizia-lhe que ia chamar a meu papai e fazê-lo vir para que me ajudasse. Então ela ria e me dizia coisas como: boa sorte se conseguir encontrá-lo. Geralmente quando chamava o Collin papai diante dela, me corrigiria dizendo, refere-te ao homem que me paga por ti. Adivinho que lentamente o descobri, mas não quis dizer nada ao Collin porque foi o único pai que tive. Mas suponho que ao fim, o sangue significa mais que tudo para ele.

Joe acalmou ao Rocco com um beijo. Não poderia acreditar o que estava a ponto de dizer, mas Rocco precisava acreditar em algo.

—Lhe dê mais tempo. Penso que deve ser muito difícil para ele. Evidentemente te acostumaste à idéia com o passar dos anos de que provavelmente ele não é seu pai biológico, mas Collin só soube que isso depois de dezoito anos. Sei que nunca foi um bom pai para ti, e não o defenderei por isso, mas não lhe dou por perdido ainda.

Rocco lhe estudou durante muito tempo antes de falar outra vez.

—Por favor não mude nunca de idéia sobre mim. Sei que sou jovem e não muito atrativo agora mesmo, mas ficarei mais velho e as contusões vão sumir.

Sentindo a coceira das lágrimas, Joe sacudiu a cabeça.

—Oh, carinho, estou nisto para toda a vida. Para ser sincero, expressas os mesmos medos com os quais estive lutando. Não quero te limitar. Sua arte, todo seu talento, pode fazer tanto com ele. Não quero ser o que te contenha de alcançar seu potencial.

Com um ligeiro sorriso, Rocco moveu sua cabeça.

—Contigo a meu lado, posso voar.

CAPÍTULO DEZ

Abrindo a porta ao estudo do Rocco, Joe sorriu.

—Ah, pensava que podia te encontrar aqui Que tal seu primeiro dia?

Entrou e beijou o lado do pescoço do Rocco.

—Recebi alguns olhares estranhos. O rumor parece estar estendendo-se.

Ele se encolheu de ombros.

—Olívia chegou bem ao aeroporto?

—Sim, protestando toda a viagem por ter que ir tão logo. E sabe que ela te poria sobre seus joelhos se te ouça chamá-la de outro modo que não seja mamãe.

—Eu preferiria que você me pusesse em seus joelhos — Rocco se voltou e lhe enviou um beijo.

A imagem do traseiro nu e liso do Rocco sob sua mão, fez Joe sentir um calafrio inesperado.

—Possivelmente, algum dia — pensou. Olhou ao Rocco enquanto continuava dando forma ao vaso sobre o torno da olaria. Joe se sentia quente como o inferno sem sua mãe em casa ao fim, mas sabia, que não devia incomodar ao Rocco quando estava trabalhando em uma peça. Além disso, só tinham acontecido três semanas do ataque e não estava seguro de poder deter-se a tempo para não lhe ferir. Havia acariciados e beijados, mas não tinham tido sexo com penetração desde que... Expulsou os deprimentes pensamentos.

O detetive Warren disse só uns dias antes ao casal que desgraçadamente o caso tinha passado a um segundo plano por agora Não tinham novas pistas e absolutamente nenhuma evidência concreta sobre qualquer dos tipos que pensavam que estavam envolvidos. O pobre Leo esteve de pé com os braços cruzados e escutando sua ira durante uns bons vinte minutos antes de oferecer

suas mais sinceras desculpas.

—Que não está bem? — perguntou Rocco, interrompendo seus pensamentos.

—Nada, doçura — percorreu com sua mão a negra trança de Rocco.

Rocco desço do tamborete e ficou de pé, lhe oferecendo seus lábios.

—Me deixe limpar os materiais e nos vemos no sofá.

Joe varreu o interior da boca do Rocco com a língua.

—Eu faço as pipocas.

Com um beijo final, Joe entrou na cozinha e pôs uma bolsa de pipocas no microondas. Descobriu a si mesmo cantarolando enquanto pegava duas coca-colas. Depois de pôr a bandeja na mesa de café, Joe entrou no dormitório e tirou a roupa, uma ducha rápida e colocou um moletom e foi para o sofá. Enquanto Joe retirava as suaves almofadas, Rocco passeava nu pela sala.

—Oh, merda — sussurrou Joe, sua mão baixou para a cintura da calça do moletom envolvendo-se ao redor de seu tronco. O pênis endureceu dolorosamente em um segundo, enquanto via Rocco que caminhava para ele. As cicatrizes se notavam escassamente na pele perfeitamente bronzeada.

—Maldita seja, é bonito — disse olhando como Rocco estava de pé sobre ele.

—Há passado muito tempo desde que pudemos ver a televisão nus.

Encolheu-se de ombros e tirou o moletom, atirando-o ao chão. Rocco montou escarranchado sobre seu torso e se sentou com a greta de seu traseiro descansando na palpitante ereção do Joe.

Envolvendo suas mãos ao redor dos magros quadris de Rocco lhe empurrou.

—Devo me incomodar em ligar a televisão?

Rocco se inclinou e com sua língua no peito do Joe capturou seu mamilo esquerdo.

—Suponho que essa é minha resposta — disse, enquanto esfregava seu pênis contra a fenda do Rocco. Estendendo a mão, atirou e torceu os aros de prata do peito do Rocco. Só ao ver isto, estava a ponto de correr-se.

—Está seguro disto? Não quero que se machuque.

—Já me dói — disse Rocco, olhando para baixo com olhos pesados e sonhadores.

—Onde te dói? — perguntou Joe, enquanto envolvia seus dedos ao redor do pênis do Rocco — Aqui? Beijo-te para te fazer sentir melhor?

Rocco tirou para fora seu lábio inferior e cabeceou. Com a ajuda do Rocco logo estavam fazendo um sessenta e nove. Por Rocco ser mais baixo, no lugar do pênis, Joe tinha uma vista perfeita do doce buraco que amava tanto. Com o pênis envolto em calor úmido, Joe separou as bochechas do Rocco e moveu sua língua sobre o hermético buraco enrugado.

Separando-se empurrou mais profundo na boca do Rocco.

—Esperava que te tivesse preparado com um de seus bonitos plugues.

Rocco tirou o pênis e agitou a cabeça.

—Necessito de ti. Seus dedos para me esticar, sua língua para me lambar e seu pênis para me encher.

—Bonitas palavras.

Joe colocou dois dedos em sua boca e os umedeceu. Retirando-os, deu um toque ao firme buraco antes de inserir o primeiro dedo.

—Me deixe entrar, doçura.

Rocco se arqueou para trás enquanto seu corpo tragava o dedo do Joe.

—OH, isso é bom — ofegou empurrando contra a mão de Joe — Mais — suplicou.

Joe inseriu o segundo dedo devagar, olhando como a pele se abria e estirava. Rocco continuou balançando-se de um lado a outro e voltou a ocupar-se do pênis do Joe.

Torceu os dedos, e encontrou e esfregou a lisa glândula, sorrindo enquanto Rocco ainda clamava com o tronco do Joe enterrado em sua boca. Tirando os dedos, Joe levou ao Rocco para ele o suficiente para poder enterrar sua cara na fenda. Sua língua escorregou em cima da pele do estirado buraco antes de passar dentro.

O magro corpo do Rocco se retorceu sobre ele, gotejando pré-sêmen no peito do Joe.

—Tão bom, sempre bom — Joe sorriu abertamente.

Amava conseguir que seu homem deixasse de lado as preocupações e só sentisse. Com um último redemoinho de sua língua aplaudiu o traseiro do Rocco.

—Dá a volta — Joe cuspiu em sua mão, guiou a cabeça de seu pênis ao buraco do Rocco e esperou.

Com um olhar diabólico em sua cara, Rocco se empalou, gemendo ante a queimadura que a introdução de toda a longitude do Joe lhe produzia.

—Droga — gemeu Joe no calor apertado que o rodeava.

Quando Rocco esteve totalmente situado olhou para baixo.

—Deus, que sentia falta disso.

—Eu também — disse Joe, lutando por manter-se quieto até que Rocco lhe permitisse mover-se. Com outra dessas diabólicas caretas delas, Rocco girou seus quadris.

—Não brinque — gemeu Joe, sentindo o suor em sua frente.

—De acordo — disse Rocco, enquanto se elevava e se deslizava para baixo. Plantando os pés a ambos os lados dos quadris do Joe, Rocco começou a montá-lo rápido e duramente.

Inclusive através da crista de prazer, Joe estava preocupado pela cura do corpo do Rocco e estendeu as mãos para emprestar apoio às doloridas costelas. Movia-se dentro e fora do Rocco com toda sua longitude tão rápido como se atreveu sem feri-lo. Com um giro de quadris que foi recompensado com um forte gemido, Rocco moveu a cabeça para trás e olhou como os tendões do magro pescoço de seu amante destacavam contra a lisa pele. Envolvendo seus compridos dedos ao redor da sua gotejante ereção, Rocco começou a ofegar enquanto lhe acariciava e montava.

—Corro-me.

—Te corra sobre mim, doçura. Me pinte com seu sêmen — exigiu Joe em um tom rude enquanto tentava frear seu orgasmo.

Olhou como a ponta do pênis do Rocco fez erupção em um cordão branco e perolado, salpicando o estômago e o ombro do Joe.

—Sim — gemeu, derrubando ao Rocco sobre seu eixo, enquanto disparava sua semente pulso a pulso sobre seu amor. Caindo sobre seu peito, Rocco suspirou.

—Quero-te.

Percorrendo com as mãos as costas do Rocco, Joe lhe beijou a cabeça.

—Quero-te.

—Podemos ficar um momento juntos assim?

—Estou muito exausto para me levantar — riu Joe entre dentes — Acredito que uma pequena sesta é uma boa idéia — Rocco aconchegou sua cara no pescoço do Joe e logo estavam os dois dormindo.

—Oi, Demitri, sou Joe, tem um minuto? — Joe se apoiou para trás na cadeira de seu escritório e pôs os pés sobre a mesa.

—É obvio. O que passa?

—Recebemos uma chamada do advogado esta manhã. A Universidade quer levar este pleito fora do tribunal. Têm medo de que os meios de comunicação removam muito profundo na história e quão último precisam é má imprensa. Rocco e eu simplesmente nos perguntávamos se tiver tempo para te encontrar com nosso advogado e discutir o que estamos ou não para negociar.

—São boas notícias. Inclusive tenho uma idéia melhor. Verei se posso conseguir por telefone que Charlie venha à reunião. Ele é o cabeça real da Fundação BK. Eu sou simplesmente a carteira e a imagem atrativa.

Joe riu entre dentes.

—Pelo que eu recordo, Charlie não é precisamente pouco atrativo. Eu não acredito que sua cara bonita tenha algo que ver com isto.

—Oh, eu me rendo — Demitri fingiu um tom ferido — Me diga quando tem que te encontrar com o advogado?

—Às dez da manhã.

—De acordo, chamarei agora mesmo ao Charlie e verei se pode vir conosco.

—Sonha bem. O que planejaram Aaron e você para esta tarde pelo Dia dos Namorados?

—Lhe levarei para jantar no Grog. Por algum motivo nunca tem suficiente desse lugar.

—Ah, Rocco e eu também temos reserva. Possivelmente nos vejamos ali.

—Estão convidados para um drink. Este julgamento pode resultar-se o melhor que passou para os estudantes em minoria. Não só os gay, mas também negros, asiáticos e portadores de necessidades especiais também. Te assegure de agradecer o Rocco por ir até o final com este processo.

—Farei. Falamos mais tarde.

—Adeus.

Joe desligou o telefone no momento em que Rocco colocava a cabeça em seu escritório.

—Tem um segundo?

—Claro — sorriu e tirou os pés da mesa.

Rocco entrou levando uma caixa envolta.

—Oh, O que é isto? Um presente para mim? — sorriu Joe. Saltando sobre o escritório Rocco colocou a caixa em cima.

—Sim. Abre-o.

Em lugar de alcançar em seguida o presente, Joe puxou Rocco, e o colocou em seu regaço e o beijou.

—O primeiro é o primeiro — disse beijando-o profundamente. Enquanto lhe beijava, Rocco se moveu para sentar-se escarranchado nas coxas do Joe, apertando seu endurecido pênis contra o estômago do Joe. Joe terminou o beijo e olhou o verde escuro dos olhos do Rocco.

—Volta-me louco.

—Bem — disse Rocco, enquanto se movia acima e abaixo sobre seu regaço.

Joe grunhiu e beliscou o pescoço do Rocco.

—Se não tivesse esperando o Julian em dez minutos, amaria você no escritório.

Rocco estendeu a mão e tomou um punhado de lenços da caixa. Entregando a Joe, começou a desabotoar e baixar as cremalheiras das calças de ambos.

—Rápido e fácil — sorriu abertamente. Rocco tomou a mão do Joe e a levou a suas ereções juntas.

—Me toque — disse enquanto continuava movendo-se.

Olhando o relógio da porta, Joe envolveu sua mão ao redor de ambos os pênis e começou um ritmo rápido e duro. Rocco se arqueou empurrando na mão do Joe.

—Os lenços — ofegou, e os tirou da mão do Joe.

Envolvendo os lenços em cima da ponta de seus pênis, Rocco, se correu. Joe olhava como o fino papel se tornava transparente com o sêmen de seu amante.

—Droga — gemeu quando Rocco apertou seu dedo polegar contra a abertura do Joe. Seu sêmen se mesclou com o do Rocco empapando ainda mais o lenço.

Uma vez acabado, Rocco jogou o lenço no cubo de lixo e os limpou a ambos com outro.

—Agora, “momento presente”.

Joe riu entre dentes e vestiu a ambos antes de mudar Rocco para uma coxa para poder alcançar o brilhante pacote do presente. Abrindo a caixa, começou a rir.

—É perfeito.

Tomou entre as mãos o formoso vaso de cristal. Em um lado, Rocco havia gravado as palavras: “Uma moeda por seus pensamentos”.

—Pensei que ficaria bem no canto de seu escritório. Possivelmente possa conseguir um pouco

de dinheiro extra em gorjetas — disse com um amplo e zombador sorriso.

—Obrigado. Amo-te absolutamente — beijou ao Rocco empurrando sua língua dentro. Seus gemidos se interromperam por um forte golpe na porta. Joe rompeu o beijo.

—Adiante.

Julian entrou com os olhos amplamente abertos ao vê-los em um acalorado abraço.

—Necessitam mais tempo? — brincou, ainda de pé na porta.

—Não, terminamos, por um momento ao menos — Joe apertou o traseiro do Rocco quando ele se levantou de seu regaço.

Julian fez uma ameaça de farejar o ar.

—Sim, posso cheirar que acabaram.

Joe recolheu o papel de seu presente e fazendo uma bola com ele, atirou-o à cabeça do Julian.

—É Dia dos Namorados. O amor está no ar e tudo isso.

—Sem dúvida há algo no ar — Julian falou de brincadeira farejando de novo.

Notou a mancha carmesim escura que subia do pescoço de Rocco até suas bochechas.

—Irei casa depois de me liberar deste lamentável idiota. Quer me esperar fora da olaria ou prefere que encontremo-nos ali?

—Ficarei. Possivelmente chame o Koby e lhe diga que ponha a roupa interior do Julian no congelador — disse Rocco, enquanto levantava o nariz no ar ao sair do escritório.

—OH, agora tem um problema — disse Joe tirando a caixa de seu escritório.

—Não realmente. Muito raramente uso roupa interior — respondeu Julian com uma piscada.

Depois de fazer seu pedido, Joe jogou um olhar ao redor do restaurante tentando encontrar ao Julian e Koby. O que viu, entretanto, não era bom.

—OH, merda — passando as mãos sobre a cara.

—Qual é o problema? — perguntou Rocco, apoiando-se para frente.

Joe descobriu o rosto e se beliscou a ponta do nariz.

—Christian, o amante do Tony e vice-presidente da empresa, está justo do lado da parede.

Rocco jogou um olhar ao redor.

—Quem é?

Joe assinalou para a parede oriental mais longínqua.

—O loiro impecavelmente vestido que beija a cabeça ruiva ali.

—Mas, esse não é Tony. É uma mulher — exclamou Rocco em um tom assombrado.

—Sim. Merda. Tony é um bom amigo. Como posso ignorar isto?

—E no Dia dos Namorados. Que miserável! — Rocco estreitou os olhos na direção do Christian e cruzou os braços.

Pondo seu guardanapo sobre a mesa, Joe apertou a mão do Rocco.

—Voltarei em seguida. Se não averiguo que infernos está passando me voltarei louco — ficou de pé e se foi para a mesa de Christian. Quando o casal não se separou, esclareceu sua garganta.

Christian rompeu o beijo e procurou com fogo nos olhos até que viu que era Joe. Em uma fração de segundo, Joe viu culpa e preocupação nos olhos do Christian.

—Sim, eu vi, filho de puta.

—Joe, uh... O que está fazendo aqui? — Christian soltou a cabeça vermelha e se voltou para ele.

—Trazendo meu namorado para jantar no Dia dos Namorados. Onde está Tony? — Joe cruzou os braços e inclinou a cabeça, esperando uma resposta.

—Uh... Tony... Em Seattle, por negócios. Não podia voltar esta tarde e me disse que o celebráramos este fim de semana.

—Assim decidiu celebrá-lo sem ele — Joe apoiou as palmas na mesa, elevando-se sobre o Christian.

—Tem vinte e quatro horas exatamente para esclarecer isto com Tony antes que o eu chame.

Sem esperar por uma resposta, Joe se voltou e caminhou para Rocco. Sentou-se e exalou o ar.

—Eu sinto, doçura. Importa-te se pedirmos o jantar para levar? Eu não gosto de muito do ambiente aqui.

—Já pedi ao garçom que fizesse um pacote com nossa comida — disse Rocco, acariciando sua mão.

—Te levarei para a casa e te farei esquecer Christian e seus enganos.

—Obrigado.

Rocco se inclinou e o beijou.

—Até pedi um pouco de seu delicioso molho de caramelo. Pensei que gostaria de lambê-lo sobre mim no lugar de sobre o sorvete.

—Maldito saber como conseguir tirar de minha mente outras coisas — Joe lhe piscou os olhos.

CAPÍTULO ONZE

Depois de um jantar solene com o Tony, Joe ficou cômodo no banco.

—Desejaria te dizer que melhorará com o tempo, mas sei que não ajuda neste momento.

Tony procurou seu olhar com seus escuros olhos castanhos parecia cansado e triste.

—Passaram quarenta e dois dias desde que o joguei e ainda é difícil para mim compreender. Estive com o Christian durante anos. Confiei nele completamente. Infernos, por isso o fiz meu vice-presidente. Agora não só já não tenho a um companheiro, como preciso encontrar um novo executivo — Tony correu seus dedos de pele azeitonada pelo negro cabelo, encaracolado e curto — por que não me disse que era bissexual?

—Não sei — disse Joe, colocando uma mão no ombro de Tony — mas estou aqui se precisa falar com alguém.

—Sei, obrigado, homem — Tony terminou seu copo de vinho tinto, o quarto na última hora.

—Como bebeste te levo para casa — Joe se ofereceu. Tony olhou seu copo vazio e suspirou.

—Sim provavelmente seria melhor. Penso que me mudarei. A casa tem muitas lembranças para mim, agora.

Joe poderia dizer que Tony temia voltar para a casa vazia.

—Tenho que ir pela universidade e recolher ao Rocco. Sente-se bem para uma pequena viagem perto daqui?

Com uma cabeçada, Tony sorriu.

—Eu gostaria.

Depois de pagar sua conta, dirigiram-se para o campus. Tony ofereceu levar seu carro já que o Crossfire do Joe só tinha dois assentos. Colocando-se atrás do volante do luxuoso carro, Joe se assegurou que Tony colocasse o cinto de segurança antes de arrancar para a rua. Depois de estacionar no estacionamento de visitantes, Joe e Tony caminharam para o Departamento de Arte. Tony abriu a porta para o Joe.

—Então o que está fazendo Rocco aqui tão tarde?

—Tratar de ficar em dia, estive fora durante três semanas.

—Resultou algo de tudo isto? — disse Tony seguindo ao Joe pelas escadas até o segundo piso.

—Tivemos uma reunião com nosso advogado e a Junta de Diretores e seu montão de advogados. Foi bastante bem. Demitri e Charlie realmente nos ajudaram muito. Decidimos, em lugar de um acerto monetário pedir através da junta mudanças no campus. Nosso advogado pensa que a Junta finalmente está de acordo em contratar o Charlie como Diretor para a tolerância. Também estamos pedindo que todas as luzes queimadas das ruas do campus sejam reparadas e que tenham uma manutenção assim como a contratação de vários guardas de segurança. Também exigimos uma estrita política de mudanças na maneira de fazer frente a qualquer tipo de discriminação. Isso vai incluir, raça, necessidades especiais e orientação sexual. Agora tudo o que fica é esperar para ver se oferecerem uma contra proposta e se todos chegarmos a um acordo com

o arquivo que documentamos tornamos oficial. Uma vez se tenha terminado, esperamos que fossem capazes de mudar ao Charlie à cidade. O centro BK deve estar acabado em outros três meses, se for contratado antes dessa data, ele vai ficar com o Demitri e Aaron.

Chegaram à sala – de - aula do Daniel e Joe bateu no marco da porta e apareceu sua cabeça.

—Há alguém aqui que necessite que lhe levem?

—Agora mesmo vou — gritou Rocco.

Joe fez passar ao Tony ao estúdio. Sorriu quando Tony se aproximou de uma mesa de trabalho olhando as peças em progresso.

—Estou assombrado — disse e sacudiu a cabeça — Eu sempre desejei aprender algo como isto mas meu pai disse que a arte era para bichas — girou e piscou os olhos ao Joe — Adivinho que ele não estava muito errado. Acabei por tomar cada classe de negócios que me ordenou, mas nunca conseguiu apagar meu desejo pela arte — tocou uma peça terminada na mesa central, era uma escultura abstrata de dois homens entrelaçados um nos braços do outro.

—Formoso.

—Ouça — Rocco veio dobrando a esquina, tirando-se seu avental — Estava ajudando ao Professor Willis a colocar umas terrinas no forno — Rocco olhou por cima do ombro antes de inclinar-se mais perto ao Joe — Não diga nada a respeito de sua cara — antes que Joe pudesse dizer a mensagem ao Tony, Daniel saiu do pequeno quarto onde estava o forno. Tony olhou para Daniel vários segundos antes de aproximar-se.

—Quem te golpeou? Houve mais problemas no campus?

Daniel desatou sua correia de couro que sujeitava seu loiro cabelo e permitiu que lhe cobrisse o lado de sua cara machucada.

—Perdão lhe conheço? — perguntou-lhe à defensiva.

—Não — Tony estendeu a mão — Sou Tony Bianchi perdão por soltar isto de repente. Por favor, me perdoe. Algo acontece dentro de mim quando vejo as provas de que uma pessoa foi golpeada por outra.

—Está bem, e não, não aconteceu no campus.

Joe notou que os dois homens ainda se saudavam. Parecia que nenhum dos dois queria ser o primeiro a soltar a mão. Interessante. Observou como o corpo muito maior do Tony deu outro passo para frente. Com a mão livre acariciou brandamente o machucado negro e púrpura ao redor do olho do Daniel e sua bochecha.

—Como te chama? — perguntou-lhe.

—Daniel.

—Daniel Como conseguiu esse machucado? — Joe nunca havia visto nada parecido. Daniel parecia estar completamente hipnotizado pela profunda e dominante voz do Tony.

Daniel lambeu os lábios sem tirar seus olhos da boca de Tony.

—Fez-me isso o tipo que estive vendo, zangou-se — Daniel olhou para baixo ao chão — A culpa foi minha. Deveria seguir suas ordens sem questionar.

—Não. Ninguém tem o direito de fazer isto à outra pessoa. Ninguém. Não importa o que você fez ou não.

Daniel sacudiu a cabeça

—Não me conhece.

Tony levantou a cabeça do Daniel fazia acima com um nódulo sob seu queixo.

—Queria te conhecer.

—Não posso, não seria prudente.

Joe olhou ao Rocco e se encolheu de ombros. Atirando do Rocco para lhe cochichou na orelha.

—Que demônios passa?

—Já te contarei mais tarde. Pensa que devemos deixá-los sós ou tirar o Tony daqui esperneando e gritando?

—Não sei. Conduzo seu carro. Daniel tem carro? — Rocco assentiu e deu um passo adiante — Daniel? Joe e eu nos temos que ir. Suponho que poderia levar o Tony para casa parece bem?

Daniel passou o olhar do Tony ao Rocco e logo olhou atrás para Tony.

—Não seria sábio.

Em vez de discutir com ele, que é o que Joe provavelmente faria, Tony acariciou o lado da cara do Daniel e se inclinou para lhe dar um suave beijo na danificada bochecha.

—Estará bem?

—Sim, estou seguro de que agora mesmo ele o lamenta e está arrependido. Voltarei para meu apartamento e desligarei o telefone e fecharei bem a porta.

Tony mexeu no bolso do casaco e recuperou um cartão. Tirando uma caneta, rabiscou ao dorso do cartão. Colocando-o na mão do Daniel, dobrou a mão do homem muito menor sobre o papel.

—Me chame se me necessitar ou simplesmente para falar, não importa a hora que seja.

Daniel deu uma tensa cabeçada sujeitando o cartão dentro de seu punho apertado contra o peito.

—Obrigado.

Depois de vários segundos, Tony se girou e andou para o Joe e Rocco.

—Vamos — disse, dirigindo-se para a porta.

—Verei-te na segunda-feira — disse Rocco ao Daniel enquanto seguiam a Tony.

A caminho da casa depois de deixar na sua a um ainda aturdido e aparentemente zangado, Tony, o celular do Joe soou.

—Olá?

—Ouça, sou Justin.

—Olá, Justin — Joe estacionou o carro do Tony no estacionamento do restaurante. Havia dito ao Tony que ele e Rocco recolheriam seu carro e deixariam o seu estacionado.

—Pensei que devia chamar. Collin demitiu-se hoje. Acaba de me notificar o Diretor Esportivo, me pediu que o substitua temporariamente até que eles possam começar as entrevistas para um substituto permanente.

—Oh — disse Joe, observando ao Rocco.

—Escuta, sei que você e Rocco estiveram em desacordo com ele ultimamente, mas estou preocupado. Apesar de tudo, ainda o considero um amigo e bem, sei que não falará comigo. Demônios, não permitirá que ninguém lhe incomode na sua casa e não responde ao telefone, confinou-se completamente. Tenho medo que com esta depressão recente e bebendo, possivelmente faça algo estúpido. Inclinando a frente no volante, Joe suspirou.

—Verei o que posso fazer.

—Obrigado, homem. Sei que lhe ponho em uma situação delicada, mas honestamente não sei que mais fazer.

—Fez o correto chamando.

Joe se despediu e desligou. Não sabia que lhe dizer ao Rocco. Maldita seja. Como as coisas conseguiram ficar tão mal? Rocco tocou o dorso de sua cabeça.

—O que está mau?

—Collin. Justin está preocupado por ele. Demitiu-se e não deixa entrar ninguém em sua casa para falar com ele. Justin teme que possivelmente faça algo estúpido — puxando Rocco através do console o sentou em seu regaço — Me perdoe, carinho, mas preciso ir falar com ele.

—Não, você não, irei eu.

Joe sacudiu a cabeça.

—Não, não te quero perto dele com esse estado de ânimo. Rocco acariciou a cara do Joe.

—Necessito fazer isto. Permiti que uma pessoa morresse porque não queria ver sua dor. Não cometerei o mesmo engano outra vez — deu ao Joe um casto beijo — Além disso, tenho umas poucas palavras exclusivamente para ele.

Olhou ao Rocco, vendo a determinação em seus olhos.

— Bom, mas vou contigo — antes que Rocco tivesse uma oportunidade de discutir o parou com um beijo — Permanecerei do lado de fora se deseja-o, mas não permitirei que vá sozinho.

Trinta minutos depois estacionaram no caminho de entrada do Collin, depois de devolver o carro do Tony. Rocco respirou fundo e abriu a porta do carro.

— Me deseje sorte.

— Tome cuidado. Assim que entre me sentarei nas escadas. Grita se me necessita.

Rocco olhou ao Joe. Olhava-lhe muito preocupado, mas se havia uma coisa que Rocco sabia como fazer, era como tratar com um bêbado. Com uma nova resolução, saiu do carro e partiu para a porta principal. Levantando o punho, golpeou na porta.

— Sou Rocco, me deixe entrar — golpeou durante vários segundos — Não vou embora. Assim é melhor que abra a porta.

— Está aberta — gritou seu pai. Nesse momento, Rocco se deu conta que não importava o que acontecesse, sempre pensaria no Collin como seu pai. Podia ter sido uma merda, mas era ele único que Rocco tinha tido. Dando um passo para a sala de estar, jogou uma olhada ao redor. As garrafas e as latas de cerveja vazias o recordaram tanto a sua infância, que sentia como lhe subia a bílis à garganta. Quão único faltava era um noivo abusado, desacordado no sofá.

— Vem aqui te desfrutar? — perguntou-lhe Collin entrando na sala com uma lata de cerveja gelada na mão. Atirando da lingüeta abriu a lata e se sentou em uma cadeira.

— Não. Vim ver se havia alguma maneira de conseguir que meu pai volte — podia sentir como as lágrimas lhe enchiam seus olhos, mas não as podia parar.

— Não te contou seu noivo?

— Sim, disse-me o que as análise de sangue dizem, mas te peço que seja meu pai. Não a classe de pai que foste, mas se a classe de pai que quereria ser.

— Por que desejaria isso? Joe me contou quanto estraguei sua infância por não estar ali, por não estar quando me necessitava.

Vendo a dor na cara de seu pai, Rocco caminhou para ele e se ajoelhou aos pés do Collin.

— Quero-te, por isso. Pergunta-a é: Pode-me aceitar como seu filho embora saiba a verdade a respeito de meu sangue?

Collin pareceu encolher-se ante seus olhos. A cerveja caiu ao chão quando cobriu os olhos e chorou. Rocco sentia como a desagradável cerveja empapava suas pernas através de seu jeans mas o ignorou e envolveu com seus braços a seu pai.

— Por favor — lhe cochichou — Por favor me queira.

— Quero-o — Collin chorou — Eu sempre o quis. Quando você foi um bebê, visitei a reserva por um mês inteiro durante o verão. Via-te enquanto Janie trabalhava no cassino. Deus, adorava-te. Supliquei a Janie para que retornasse a Idaho comigo e assim poder te ter comigo. Mas se negou e isso quase me matou. Retornei e passei um mês inteiro bêbado. Decidi não estar perto de ti nunca mais. Não podia suportar. Meu coração não podia agüentá-lo. Assim que te visitei uma semana ao ano durante dezessete anos. Apesar disso, nunca deixei de te amar. Foi o único sangue que tinha deixado no mundo. Quando averigüei que não foi meu, suponho que me voltei um pouco louco — Collin deixou de falar, seguia abraçado fortemente ao Rocco.

Muito apertado, quando Rocco começou a sentir a pressão contra as costelas recém curadas, embora odiasse fazer, empurrou a seu pai para trás.

— Perdão, mas as costelas estão ainda doloridas.

Os olhos do Collin se aumentaram, tocou com as pontas dos dedos o peito do Rocco.

— Eu não tive nada que ver com isto. Me acredite por favor. Fiquei despedaçado por dentro saber que foi ferido por causa de algo que disse em um momento de raiva. Sei que parece que desforrei minha raiva contigo, mas estava zangado com todo o mundo, me infelizmente você pagou o preço.

—Estou bem agora. As coisas mudarão na Universidade, para melhor — colocou a cabeça no joelho de seu pai — Então será meu pai?

—Em realidade, não estou seguro de saber como ser um pai para ti.

—Bem, a primeira coisa que precisa fazer é deixar de beber. Tive uma vida rodeado disto e realmente penso que não poderia suportá-lo mais. A segunda coisa é que me pode ensinar como jogar futebol. Não é que não queria aprender. É que nunca tive ninguém que me ensinasse — Rocco riu entre dentes — Mas não te engane. Nunca serei bom em esportes, mas isso não significa que não queira tentar pelo menos.

O coração do Rocco quase saltou fora de seu peito quando seu pai correu os dedos por seu cabelo.

—Eu não tenho muito que te oferecer, mas você sempre terá um lar comigo — lhe disse Collin.

—Obrigado, mas já tenho um lar. Falando disto — olhou para cima, para seu pai — Joe está na escada do alpendre me esperando. Estaria bem se o deixo entrar? Eu gostaria de te limpar e te deitar na cama.

Os olhos de seu pai se encheram de lágrimas uma vez mais.

—Duvido que Joe queira me ver.

—Está equivocado. Ele não o dirá, mas sente falta de ti. Eu também sinto falta de ti.

Collin se recostou na cadeira parecia derrotado.

—Estraguei todo, minha relação contigo e com o Joe, minha carreira. Me demiti sabe?

—Sim, sei. Possivelmente possa recuperar de novo o trabalho.

—Não, já tinha chegado o momento de me retirar de todos os modos. Sugeri que Justin me substitua. Será bom para a equipe. Assim descobrirá aos homófobos — essa palavra pareceu sacudi-lo — Sinto muito as coisas que te disse. Depois de averiguar que não foi meu, procurava uma razão para te apartar.

—Shhh — disse Rocco lhe calando. Beijou a frente de seu pai e dirigiu-se para a porta —Volto em seguida.

Em vez de chamar Joe para entrar na casa, saiu e fechou a porta.

—Pode me ajudar a banhar a meu pai?

Joe subiu as escadas e o abraçou.

—Me permitirá isso?

—Sim. Sente-se muito mal a respeito de tudo o que aconteceu, mas agora compreendo por que.

—Então me explique isso lhe disse Joe esfregando suas costas.

—Logo o faço. Agora, ele necessita uma ducha, ser barbeado e uma cama limpa e agradável.

Foi depois das duas da manhã quando chegaram a casa. Rocco tinha insistido em ficar e limpar a casa. Tinham trocado os lençóis do Collin enquanto tomava uma ducha. Depois que Collin estivesse rosado da ducha e barbeado, Rocco colocou a seu pai na cama lhe dando um beijo na bochecha, enquanto Joe olhava pela porta. O óbvio amor que Rocco tinha pelo homem rasgou o coração do Joe. Empregaram outras duas horas e meia limpando o resto da casa. Isto esgotou a seu pobre bebê e Rocco ficou dormindo no carro a caminho de casa. Joe o levou para dentro, direto para a cama. Despindo-o, Joe desejou mais que nada dar ao Rocco todo o amor que ele tinha dado a seu pai essa noite. Despindo-se meteu entre os lençóis e colocou um adormecido Rocco contra seu peito. Sempre havia um amanhã.

CAPÍTULO DOZE

—Está preparado? Vamos chegar tarde — disse Joe olhando seu relógio.

—Já vou! Estou tirando a panela do forno — voltou a gritar Rocco.

Joe colocou a jaqueta negra de couro e tirou o casaco de Rocco do armário. Rocco correu virtualmente fora da cozinha com um recipiente isolante na mão.

—Perdão, mas queria que estivesse quente quando chegarmos.

Joe tomou o recipiente enquanto Rocco colocava o casaco.

—Verá que nas festas surpresa é melhor quando a gente chega antes que o convidado de honra. Rocco olhou para cima e lhe deu um rápido beijo.

—Sabichão. Vamos.

Enquanto se dirigiam a ainda inacabada Casa BK, Rocco se voltou para ele.

—A que hora chega o avião do Charlie?

—Chegou há uma hora.

—Ah, bem, bom então espero que Demitri possivelmente tome o caminho mais comprido do aeroporto.

—Você espera — disse Joe rindo entre dentes. Advertiu a preocupação do Rocco que não parava de mexer no pequeno buraco em seu jeans e o acalmou lhe pondo uma mão na coxa.

—Para, está bem.

—Todos trabalharam duramente para conseguir que Charlie viesse para cá. Eu não quero estragar sua festa — Joe estacionou no estacionamento frente à Casa do BK. Não estava ainda terminada, mas o único que ficava por fazer eram detalhes estéticos. Desligou o carro e se inclinou para dar ao Rocco um beijo.

—Alguma vez alguém te disse que és como um furúnculo no traseiro?

—Não, nem sei o que é, mas soa a bruto. Pensa que sou bruto?

Joe riu e sacudiu a cabeça outra vez.

—Oh, as coisas que ainda preciso lhe ensinar — deu a Rocco um beijo mais profundo — Venha vamos.

—Vai há deixar aqui o carro? Não deveria escondê-lo ou algo assim?

—Ele é cego. Não vai saber que há carros no estacionamento — saindo do carro, tirou as duas cadeiras dobradiças de campo do pequeno porta-malas.

—Está preparado?

—Sim — Rocco se uniu a ele diante do carro e se dirigiram para o edifício.

—Oh uau — disse Rocco quando entraram — Não pensei que ia a ser tão grande.

—Não será tão grande quando estiver completamente mobiliado — disse Tony lhes saudando.

—Como estás indo? — perguntou Joe começando a desdobrar as cadeiras enquanto Rocco agarrou o recipiente para levá-lo para a cozinha. Joe não pôde evitar dar-se conta, que todos os olhos que havia no quarto se giraram para olhar o Rocco. Soube que teria que acostumar-se a isso. Rocco sempre conseguiria esse nível de atenção por parte de outros.

Tony se encolheu de ombros.

—Bem suponho. Tenho estado encontrando muitas inconsistências e contradições no trabalho do Christian. Penso que não foi intencional, acredito que chegou a um ponto onde realmente, não esforçou-se nada.

Rocco veio correndo e parou ao lado do Joe.

—Já estão aqui. Acabo de ver que estão estacionando o carro.

—Eles estão aqui — gritou Tony. O quarto se acalmou imediatamente e quando a porta abriu, todos gritaram Surpresa!. Charlie sorriu de orelha a orelha.

—A próxima vez que queiram me surpreender, não estacionem no estacionamento.

Rocco olhou ao Joe, com um olhar inquisitivo. Antes que ele pudesse supor por que, Charlie começou a rir.

—Sou cego não surdo. Ouvi que há muitos carros, ainda tinha barulho do sistema de refrigeração dos motores. Surpreenderiam-se do que posso ouvir e cheirar.

O quarto inteiro se encheu de risadas e bons desejos quando todos foram apertar a mão do Charlie, muitos deles o viam pela primeira vez. Quando Charlie avançou ao redor do quarto, Tony retornou e se colocou detrás do Joe e Rocco.

—Achei que Daniel estaria aqui.

Rocco jogou um olhar ao redor do quarto.

—Estava a ponto de sair para aqui quando falei com ele, faz um momento.

—Tem seu número? Possivelmente deveríamos lhe fazer uma chamada. Sacudindo a cabeça, Rocco colocou mão outra vez no bolso de seu jeans.

—Tenho o telefone anotado em casa, não sei de cor.

Joe tomou a mão do Rocco afastando de seu jeans e a levou até a boca.

—Tranqüilo. Estou seguro que está bem — lhe disse lhe beijando a palma.

—Sabe onde vive? — perguntou Tony, lhe olhando um pouco preocupado. Rocco assentiu.

—Nos apartamentos que fazem esquina com Cherry e Valley, no apartamento dois ou três.

—Irei conduzindo, se por acaso vejo pelo caminho seu carro ou se ainda está ali. Que carro tem? — esta pergunta fez que Rocco deixasse escapar uma risada — Ele é um artista, um Escaravelho da Volkswagen é óbvio.

Tony lhes deu um tapinha aos dois nas costas.

—Fiquem e desfrutem da festa. Retornarei antes que se dêem conta.

Depois que Tony os deixasse, Rocco se inclinou contra Joe.

—Penso que é muito doce com o Daniel.

—Caramba, quem te deu essa idéia? — riu Joe.

—Ooh, nós estamos hoje com um humor estranho — lhe disse Rocco, lhe empurrando a um lado

—Vamos, quero me misturar e falar com as pessoas. Já é tempo que faça alguns amigos de minha própria idade.

—Você tem amigos de sua idade. Max e Koby. Eles não são muito mais velhos que você.

—Sim, mas esses são filhos de seus amigos e têm que me aceitar. Desejo alguns amigos que sejam de minha idade e só meus.

Embora não tivesse muito sentido para ele, Joe assentiu e permitiu que Rocco lhe arrastasse para um grupo de estudantes, que incluía o Liam e seu auto proclamado guarda-costas, Bear. Estava contente que Rocco estivesse interessado em abrir-se o suficiente para conhecer novas pessoas. O mês passado realmente lhe tinha feito muito bem. Sua relação com o Collin crescia mais a cada dia. Quando chegava a casa do trabalho pela tarde era quase seguro que Rocco estivesse falando por telefone com seu pai. Rocco tinha ajudado Collin a encontrar na localidade uma sala de AA para unir-se a ele.

Tinha decidido começar a assistir às reuniões do Ao-Anon⁹ pelo menos uma vez ao mês. Com as tarefas da casa tinha melhorado muito também, Joe o elogiou de todo coração. Depois de que Rocco se introduzira no pequeno grupo de estudantes, Joe lhe deu um beijo na bochecha e lhe fez gestos para o outro lado do quarto.

—Vou verificar o grupo “de velhas glórias”.

Sorrindo, Rocco cabeceou.

—Te alcançarei em uns poucos minutos.

Joe se foi feliz como uma cotovia. Tinha tudo e lutaria contra vento e maré, com tudo que estivesse em seu poder para conservá-lo.

⁹ Ao-Anon persegue um só propósito: emprestar ajuda aos familiares e amigos de alcoólicos. Ao-Anon foi baseado pelos familiares de alcoólicos que tinham conseguido a sobriedade em Alcoólicos Anônimos e atualmente muitos membros do Ao-Anon não importa a idade ou relação com o alcoólico, conseguem a serenidade apesar de que um amigo íntimo ou um familiar tenha um problema com a bebida. Os grupos de família Ao-Anon são uma comunidade de parentes e amigos de alcoólicos que compartilham suas experiências, fortaleza e esperança, com o fim de lhe encontrar solução a seu problema comum.

Calouro Proibido
Paixão no Campus 5



Carol Lynne